

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL
PLAGEDER**

HERBERT FISCHBORN

**DINÂMICA SOCIOECONÔMICA DOS PRODUTORES DE FUMO
DO MUNICÍPIO DE CARAÁ, RS**

SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA

2011

HERBERT FISCHBORN

**DINÂMICA SOCIOECONÔMICA DOS PRODUTORES DE FUMO
DO MUNICÍPIO DE CARAÁ, RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Alvim Beroldt da Silva

Co-orientadora: Daniela Oliveira

SANTO ANTÔNIO DA PATRULHA

2011

HERBERT FISCHBORN

**DINÂMICA SOCIOECONÔMICA DOS PRODUTORES DE FUMO
DO MUNICÍPIO DE CARAÁ, RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Aprovado em: Santo Antônio da Patrulha 24 de maio de 2011.

Prof. Dr. Leonardo Alvim Beroldt da Silva - Orientador
UFRGS

Prof. Dr. Ivaldo Gehlen
UFRGS

Prof. Dr. Marcelo Conterato
UFRGS

DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso a minha mulher Isabel Cristina que me motivou durante todo o curso do PLAGEDER e, especialmente agora, na elaboração deste trabalho. Também o dedico aos meus filhos Johann e Stephan que compreenderam a ausência do pai durante esses últimos meses.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Orientador Leonardo Alvim Beroldt da Silva e à tutora a distância Daniela Oliveira pela orientação dada para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Durante o andamento do curso do PLAGEDER e, principalmente no Trabalho de Conclusão, várias pessoas me auxiliaram, em especial as tutoras presenciais Terezinha Oliveira e Sonia Dalmar Braga Ramos e a coordenadora do Polo Dilce Eclai de Vargas Gil Vicente. Estendo meu agradecimento a elas.

Quero agradecer aos agricultores familiares produtores de fumo do município de Caraá pela forma que me receberam para a realização das entrevistas, dedicando seu precioso tempo em época de muito serviço devido à colheita de fumo.

Agradeço a Deus que no desenvolver do PLAGEDER me deu ânimo e coragem para transpor todas as barreiras que surgiram e, em especial por ter colocado na minha vida todas as pessoas citadas acima, além dos meus colegas que foram um apoio permanente do decorrer do curso.

RESUMO

A produção do fumo foi uma alternativa econômica para o agricultor familiar do município de Caraá num período de grandes dificuldades durante a Revolução Verde (a partir dos anos de 1960). Nesta época muitos agricultores abandonaram suas terras e foram buscar alternativas nas cidades e outros tentaram se adaptar às novas regras. Neste contexto, entram os agricultores familiares produtores de fumo que viram no fumo a possibilidade de continuar no campo. As empresas fumageiras oportunizaram recursos e garantias que possibilitaram a viabilidade econômica da família. O sistema integrado de produção é o modelo utilizado pelas fumageiras, o qual dá garantias às empresas de terem o produto para honrarem seus compromissos, e para aos produtores de fumo de poderem contar com o fornecimento de insumos, assistência técnica e comercialização. O presente trabalho apresenta um estudo da dinâmica socioeconômica do agricultor familiar produtor de fumo do município de Caraá. Para se chegar aos resultados foi realizado um estudo bibliográfico que permitiu compreender as características da produção do fumo. Em seguida, foi realizada uma pesquisa por amostragem com a aplicação de questionário a 15 produtores de fumo de Caraá. Os resultados demonstraram que a produção do tabaco é tema polêmico que traz muita discussão devido a problemas ambientais e de saúde pública. No que se refere ao objetivo do trabalho, que é investigar a dinâmica socioeconômica dos produtores de fumo do Caraá, conclui-se que a produção do fumo apresenta muitas exigências, sendo a principal a grande quantidade de mão de obra exigida, mas que o cultivo do tabaco proporciona condições de dar uma vida digna à família e ainda possibilita, com os anos, a aquisição de bens como áreas de terra e casa própria.

Palavras chaves – Produção de fumo, agricultura familiar, dinâmica socioeconômica.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPA

Mapa 1 Município de Caraá – Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal	15
--	----

FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 Modelo antigo da varanda e estufa de fumo	27
Fotografia 2 Modelo LL de estufa de secagem de fumo	28
Fotografia 3 Casa construída com recursos do fumo	42

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Produção de fumo nos países desenvolvidos e em desenvolvimento	18
Gráfico 2	Área de terra dos produtores de fumo de Caraá.....	33
Gráfico 3	A continuidade na produção de fumo no Caraá.....	39

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Fumicultura regional brasileira.....	19
Tabela 2	Preço do fumo das safras 2004/2005 a 2009/2010.....	26
Tabela 3	Dados das safras 2006/2007 a 2010/2011.....	31
Tabela 4	Dados sobre as áreas de terra dos produtores de fumo de Caraá.....	33
Tabela 5	Tabela da mão de obra ocupada na produção de fumo no município de Caraá.....	35
Tabela 6	Faturamento da safra do fumo 2009/2010 no município de Caraá.....	36

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

AFUBRA - Associação dos Fumicultores do Brasil.

ATER - Assistência Técnica e Extensão Rural

ASCAR - Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural

CQCT - Convenção Quadro para o Controle do Tabaco.

EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

FARSUL - Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul

FAESC - Federação da Agricultura do Estado de Santa Catarina

FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LL - Loose Leaf (cura de fumo com folhas soltas)

FETAG/RS - Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado do Rio Grande do Sul

FETAESC - Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado de Santa Catarina

FETAEP - Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado do Estado do Paraná

MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário.

OMC - Organização Mundial da Saúde.

ONU - Organização das Nações Unidas

SINDIFUMO - Sindicato da Indústria do Fumo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. METODOLOGIA	14
2. CONTEXTO DA PESQUISA	15
2.1 O MUNICÍPIO DE CARAÁ.....	15
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	17
3.1 O FUMO NO MERCADO INTERNO E EXTERNO	17
3.2 CARACTERÍSTICAS DA FUMICULTURA	20
3.2.1 Sistema Integrado de produção do tabaco	20
3.2.2 Financiamento da safra e da estrutura física.....	21
3.2.3 Insumos.....	22
3.2.4 Seguro.....	23
3.2.5 Assistência técnica.....	23
3.2.6 Representação dos fumicultores	24
3.2.7 Preço do fumo.....	24
3.2.8 Tecnologia na produção do fumo	26
3.3 CONVENÇÃO QUADRO PARA O CONTROLE DE TABACO (CQCT).....	29
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	31
4.1 RESULTADOS	32
4.1.1 Tempo de atividade no plantio do fumo.....	32
4.1.2 Questão fundiária.....	32
4.1.3 O fumo como a principal atividade e outros cultivos.....	34
4.1.4 Mão de obra	34
4.1.5 Faturamento bruto e líquido na safra do fumo	36
4.1.6 O fumo como motivação para permanecer no campo	37
4.1.7 A satisfação do agricultor familiar e a aquisição de bens.....	37
4.1.8 A continuidade na produção do fumo.....	38
4.2 DISCUSSÃO DOS DADOS	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE A	50
APÊNDICE B	51

INTRODUÇÃO

A Revolução Verde trouxe profundas mudanças na agricultura brasileira. Altieri (1998) afirma que ela se caracterizou por introduzir um modelo de agricultura que tinha como meta o aumento da produção e da produtividade das atividades agrícolas utilizando para isto todo um grande aparato de insumos químicos, motomecanização, sementes melhoradas e políticas públicas direcionadas para o setor. Com a Revolução Verde o agricultor familiar passou a utilizar conhecimentos e insumos exógenos, deixando de lado os ensinamentos dos seus antepassados. Produzir passou a ter como objetivos o aumento da produtividade e o lucro, (GLIESSMANN, 2000), o que na maioria das vezes não foi conquistado.

Sabe-se que as promessas feitas de prosperidade agrícola pelos idealizadores da Revolução Verde não se concretizaram. De acordo com Silva (2008) este processo ocorrido a partir dos anos 1960 desencadeou a crise nas áreas rurais do Brasil, motivada pela falta de recursos para agricultura familiar, pois todo o modelo foi idealizado para o grande produtor potencializando o empobrecimento da agricultura familiar.

O agricultor familiar ficou refém da agricultura baseada em insumos produzidos fora da propriedade. Os aspectos relacionados com a sustentabilidade do processo não foram contemplados e muitos produtores se viram obrigados a buscar soluções econômicas em cultivos que tinham as características do novo modelo ou em outras atividades nas grandes cidades.

O município de Caraá também sofreu os reflexos da Revolução Verde. Muitos produtores empobreceram e buscaram se adequar a este modelo através do cultivo do fumo, pois este cultivo foi o que melhor se adequou a este modelo agrícola. O fumo apresentava algumas características que vinham dar segurança ao produtor como, por exemplo, interação com a indústria, garantia de preços, comercialização e facilidade da aquisição dos insumos necessários para produção que são financiados pelo sistema bancário e tem a fumageira como fiadora (SILVA E TILLMANN, 2009). Para Wilkinson (2009), os aspectos citados têm grande relevância, contudo o fato de ter a certeza de que a produção será comercializada, não caindo no perigo de ver o seu produto ficar estocado no paiol sem comprador é um grande atrativo para os produtores optarem pelo cultivo do fumo. Tal situação justifica e instiga a investigação acerca da dinâmica socioeconômica dos agricultores familiares, produtores de fumo do município de Caraá.

A partir desta problemática o objetivo geral do presente estudo foi investigar a dinâmica socioeconômica dos agricultores familiares produtores de fumo do município de Caraá.

Como objetivos específicos destacam-se:

- a) Analisar brevemente a atual situação do fumo no mercado interno e externo;
- b) Analisar o funcionamento da cadeia produtiva do fumo;
- c) Identificar, através de questionário, a dinâmica socioeconômica de 15 (quinze) dos 30 (trinta) produtores de fumo no município de Caraá.

O modelo de agricultura que se estabeleceu no Brasil a partir dos anos 1960 - a Revolução Verde - diminuiu a possibilidade do agricultor familiar em permanecer no campo, sendo que o fumo se tornou uma alternativa. Um dos aspectos que dificultou sua permanência no campo foi a dificuldade em concorrer com o grande produtor, o que o levou a produzir fumo, pois nesse seguimento os grandes não participam devido à grande quantidade de mão de obra exigida. De acordo com Silva e Tillmann (2009), uma das características da fumicultura consiste no fato de que sua produção ocorre em mini e pequenas propriedades não necessitando de mecanização. O processo de cultivo e manejo do solo destinado à produção de fumo exige uma fração da terra diferenciada de outros cultivos que exigem uma grande extensão de terra.

O fumo surgiu no município de Caraá no início da década de 1960. Inicialmente, o número de produtores era muito reduzido, mas devido aos bons resultados conseguidos pelos primeiros agricultores ocorreu um aumento significativo na área de plantio e no número de famílias produtoras. Esse processo que alavancou o plantio de fumo ocorreu em todo o estado do Rio Grande do Sul, sendo que a agricultura familiar se beneficiou desse momento para se estruturar. As empresas fumageiras em sintonia com a Revolução Verde disponibilizaram recursos financeiros para a agricultura familiar que impulsionou o plantio do fumo. Tais indústrias aproveitaram a descapitalização dos agricultores para introduzir o plantio de fumo na agricultura familiar.

A produção de fumo tem trazido diferentes manifestações do público em geral devido ao seu impacto no meio ambiente e na saúde pública. Os ecologistas argumentam que a utilização intensiva de agrotóxicos traz sérios problemas ao meio ambiente e à saúde dos trabalhadores nesse cultivo.

Mas um aspecto que normalmente é pouco analisado é se o cultivo do fumo melhora a vida do agricultor familiar. O presente estudo se propõe a buscar informações em estudos já

realizados e junto aos produtores de Caraá para conseguir compreender como eles entendem esse processo. A pesquisa se justifica pela busca de informações que podem trazer ao público em geral uma amostra da dinâmica socioeconômica dos produtores de fumo de Caraá.

Normalmente, o produtor de fumo recebe críticas devido aos aspectos citados acima, relacionados com as dificuldades ambientais e de saúde. Mas no amplo processo do cultivo do fumo existem muitos aspectos que merecem um maior aprofundamento, sendo que o principal é o direito do produtor familiar em buscar soluções que viabilizem a vida no campo. Nesse sentido, o presente trabalho buscou respostas a questões que motivam a produção do fumo pelo produtor familiar.

Por último, é importante destacar que devido às manifestações contrárias à produção de fumo e aos impactos que ele produz existem iniciativas que visam diminuir ou acabar com o plantio do fumo. A Convenção Quadro para o Controle do Tabaco (CQCT) da Organização Mundial da Saúde (OMS) é o principal programa que visa diversificar essas áreas (MDA, 2007). Este ponto merece um estudo bibliográfico para maior entendimento do processo em que o produtor de fumo está inserido.

1 METODOLOGIA

O presente trabalho consiste em buscar informações que permitam conhecer a dinâmica socioeconômica do agricultor familiar produtor de fumo do município de Caraá. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que permite conhecer aspectos relacionados ao cultivo do fumo.

Para facilitar o entendimento da pesquisa se fez necessário conhecer o funcionamento das etapas internas e externas da cadeia produtiva do fumo, iniciando com o mercado interno e externo, o sistema integrado de produção do fumo, a aquisição dos insumos, plantio e colheita e a comercialização. Enfim, buscou-se analisar a cadeia produtiva do fumo num todo por se entender que esses aspectos foram de vital importância para se chegar à questão do problema da pesquisa.

Outro aspecto analisado foi a Convenção Quadro para o Controle do Tabaco e sua influência na produção do fumo no Brasil, sendo esse de grande importância pelo caráter do programa que visa diminuir a produção do fumo e diversificar essas áreas atualmente cultivadas.

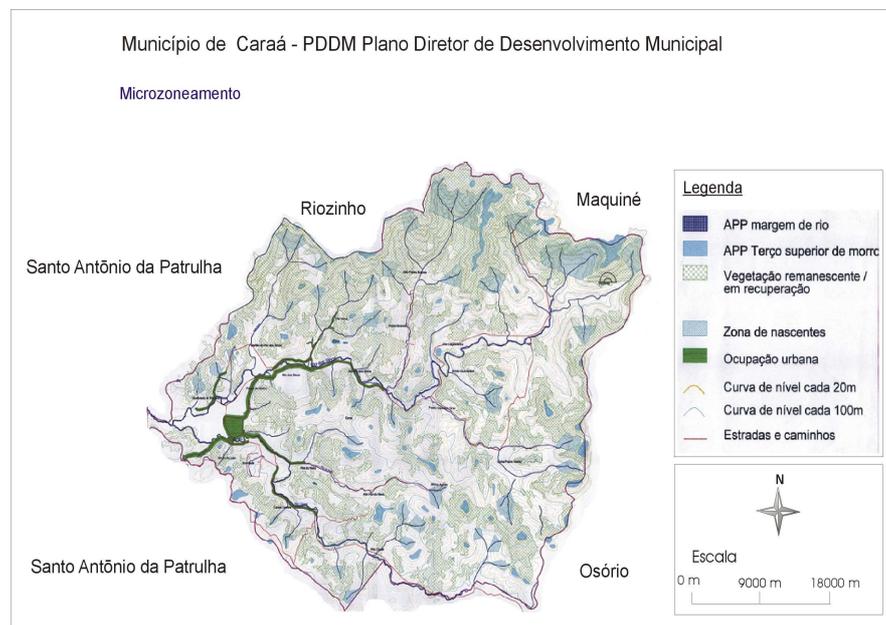
O passo seguinte do presente estudo buscou conhecer com especificidade a situação socioeconômica dos fumicultores de Caraá, utilizando para isso a pesquisa explicativa, sendo que Gil (2007) afirma que essa pesquisa procura identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência de fenômenos possibilitando o conhecimento da realidade. Para se chegar a esse objetivo, aplicou-se um roteiro com perguntas semi-estruturadas (APÊNDICE A) por amostragem onde foram escolhidos por sorteio 15 produtores dos 30 existentes no município (MARTINELO, 2010), correspondendo a 50% dos plantadores de fumo. Usou-se como recorte temporal para a investigação a safra 2009/2010. As entrevistas ocorreram entre os dias 11 e 15 de janeiro de 2011.

2 CONTEXTO DA PESQUISA

A seguir serão apresentados dados relativos ao local onde se desenvolve o presente estudo.

2.1 O MUNICÍPIO DE CARAÁ

O presente estudo foi realizado em Caraá, município que se caracteriza por ser predominantemente agrícola. O município de Caraá possui uma área de 294,34 km² e está localizado na região do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, tendo como limites a oeste o município de Riozinho, ao sul, Santo Antônio da Patrulha, ao norte Maquiné e a leste Osório. Caraá se originou do Município de Santo Antônio da Patrulha, sendo que sua emancipação foi decretada no dia 28 de dezembro de 1995 pela Lei Estadual n° 10.641 e a sua instalação ocorreu do dia 1° de janeiro de 1997 (CARAÁ, 2010). Segundo o IBGE (2010), a população do município é de 7313 pessoas, sendo 3798 homens e 3525 mulheres. A população urbana é de 1058 pessoas e a rural de 6255. No mapa a seguir é possível localizar o município e seus limites.



Mapa 1 Município de Caraá – Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal
Fonte: Caraá (2010)

O Caraá se caracteriza por ser predominantemente rural e a economia está baseada na agricultura. A cana de açúcar tem grande importância entre os cultivos, sendo que seus derivados são comercializados no comércio local que atende aos moradores da região e turistas que se destinam ao município, principalmente no verão, à procura de locais de banho

proporcionados pela grande quantidade de arroios e pelo Rio Sinos e seu principal afluente, o Rio Caraá. Esses rios trazem um grande potencial turístico, contemplando principalmente famílias que saíram da região e se dirigiram às grandes cidades. A abundância de água também favorece a agricultura, pois permite a instalação de sistemas de irrigação, especialmente para as hortaliças (CARAÁ, 2010).

Além da Cana de açúcar, é produzida uma grande quantidade de hortigranjeiros, sendo os principais o repolho e a beterraba. Também fazem parte da economia do município o tomate, feijão, milho, fumo, arroz, aipim e batata-doce. Na pecuária, há produção de gado que serve como tração animal e de corte. A suinocultura tem pequena expressão e a criação ocorre principalmente para o autoconsumo.

Conforme Bemfica et al (2000), a ocupação da região foi iniciada por povos indígenas que praticavam extrativismo, casca e pesca. Mais tarde, vieram os lusos açorianos e italianos.

A vegetação de Caraá corresponde a Mata Atlântica e floresta nativa primária, abrangendo cerca de 14% do território (4.313 ha), tendo na sua formação uma diversidade muito grande de espécies animais e vegetais (BEMFICA et al, 2000). O relevo acidentado e a estrutura de pequenas propriedades vêm favorecer o plantio dos cultivos citados acima (CARAÁ, 2010) e do fumo no município, o que vem ao encontro do que diz Silva e Tillmann (2009), ou seja, esse tipo de relevo somado à agricultura familiar propiciam as condições ideais para a produção de fumo.

Benfica et al (2000) afirma que imigrantes italianos, poloneses e alemães chegaram na região no final do século XIX, tendo a economia, a partir daí, um grande impulso. Segundo os autores, foram trazidas técnicas de cultivos que impulsionaram a produção agrícola.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 O FUMO NO MERCADO INTERNO E EXTERNO

O fumo tem sido alvo de grandes campanhas anti-tabagistas que objetivam a diminuição tanto do cultivo como do consumo de cigarros. Conforme Silva e Tillmann (2009, p.1) este aspecto somado a “razões tecnológicas, estruturais e políticas em países da Ásia e África” determinaram o declínio da produção mundial em 15% entre os anos de 1996 a 2007. Outro aspecto relevante na diminuição da produção do fumo é a Convenção Quadro para o Controle do Tabaco que é programa da Organização Mundial da Saúde que visa diminuir a produção do fumo e diversificar áreas de plantio.

Contudo, o declínio na produção do fumo ocorre principalmente nos países desenvolvidos e no Zimbábue. Nos primeiros ocorreu a diminuição porque as campanhas antitabagistas e a grande quantidade de mão de obra exigida dificultaram o processo. Já o Zimbábue teve por muitos anos um importante papel no mercado internacional do tabaco, sendo o terceiro maior exportador, ficando atrás do Brasil e Estados Unidos. Mas devido à instabilidade política e social e dos conflitos fundiários daquele país houve a diminuição significativa na produção deixando, de acordo com Filho (2003), um espaço importante no mercado internacional. Conforme o autor, a diminuição da participação destes países no mercado do tabaco permitiu que o Brasil consolidasse sua participação no mercado mundial, do qual já vinha sendo o maior exportador e o segundo produtor desde 1993.

O fumo é produzido em mais de cem países e de acordo com Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) (2007), os países em desenvolvimento detêm 85% da produção. A China é o maior produtor mundial com 40,9% do mercado. Contudo, este país não representa atualmente uma ameaça aos produtores de fumo pelo fato dessa produção ser exclusiva para o mercado interno (MDA, 2007), (VARGAS e OLIVEIRA, 2010).

Para o MDA (2007), a supremacia na produção de fumo dos países em desenvolvimento tem ocorrido devido ao baixo custo de produção comparado com os países desenvolvidos, diminuição do consumo de cigarro nesses países, instalação de grandes empresas fumageiras nos países em desenvolvimento e por último pelo fato do fumo ser considerado uma planta rentável em comparação a outros cultivos. Neste último aspecto, segundo o MDA (2007), é importante salientar que o rendimento satisfatório vem agregado aos benefícios que a fumicultura dispõe para os produtores, que são: financiamento dos

insumos, assistência técnica, empréstimos e comercialização. Segundo MDA (2007) e Silva e Tillmann (2009), atualmente, o aspecto relacionado ao rendimento econômico satisfatório é a maior motivação para o agricultor familiar continuar na produção deste cultivo.

A seguir, segue um gráfico com a produção de fumo em países desenvolvidos e em desenvolvimento, entre os anos de 1962 e 2005.

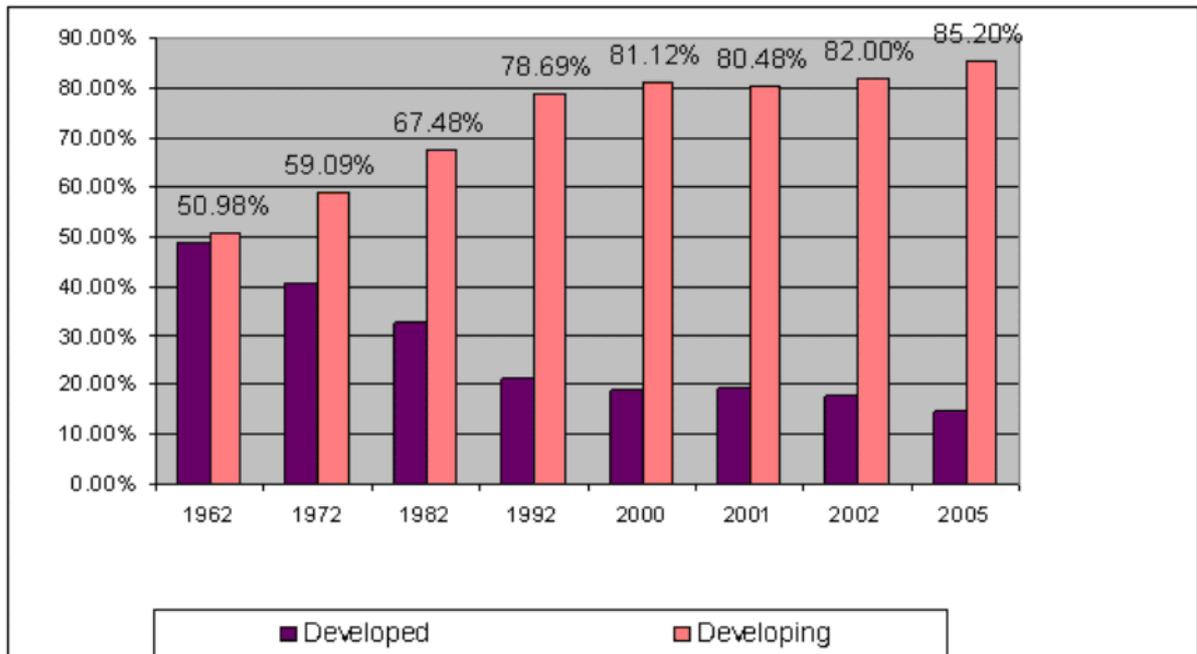


Gráfico 1: Produção do fumo em países desenvolvidos e em desenvolvimento Fonte: FAOSTAT (2010)

Pelo gráfico 1, percebe-se que a produção de fumo aumentou consideravelmente nos países em desenvolvimento. No ano de 1962, esses países produziam 50,98 % do fumo mundial e os países desenvolvidos 49,02%. No ano de 2005, os primeiros passaram a produzir 85,20% do fumo e segundo 14,80%. Este gráfico demonstra que os países desenvolvidos não mais se interessaram nesse segmento ou as campanhas antitabagistas e a grande quantidade de mão de obra exigida dificultaram o processo. Os países em desenvolvimento aproveitaram o espaço deixado no mercado mundial de tabaco, apesar de toda uma política mundial liderada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) através da Convenção Quadro para o Controle do Tabaco.

Silva e Borges (2010) afirmam que 15% dos fumos produzidos no sul do Brasil são destinados à produção de cigarros para o mercado interno e 85% vão para o mercado externo em forma *in natura* (fumo em folha).

Um aspecto que chama a atenção é a questão da arrecadação de impostos que o fumo proporciona. Em 2007, foram arrecadados sete bilhões de Reais ao Tesouro Nacional

(AFUBRA, 2010), o que determina que mesmo que exista a participação do Brasil na Convenção Quadro para o Controle do Tabaco que visa diversificar áreas com o cultivo do fumo é difícil a diminuição significativa da produção. Não é do interesse do governo eliminar totalmente a produção devido ao aspecto econômico citado acima. Também o grande número de trabalhadores envolvidos no processo de produção de fumo torna a iniciativa da Convenção Quadro difícil, pois de acordo com Silva e Tillmann (2009), 2,4 milhões de pessoas está direta ou indiretamente ligada à produção de fumo. Diretamente ligados à produção de fumo estão 870.250 pessoas (AFUBRA, 2010).

A tabela a seguir traz os dados da produção do fumo no Brasil na safra 2008/2009 e 2009/2010:

TABELA 1
Fumicultura regional brasileira

FUMICULTURA REGIONAL BRASILEIRA					
REGIÃO	DESCRIÇÃO	Un	SAFRAS		
			2008/09	2009/10	Var. %
SUL	Produtores	nº	186.580	185.160	-0,8
	Área cultivada	ha	374.060	370.830	-0,9
	Produção	ton	744.280	687.180	-7,7
	Valor da produção	R\$	4.049.687.000	4.384.208.400	8,3
NORDESTE	Produtores	nº	36.960	36.950	0,0
	Área cultivada	ha	34.620	34.280	-1,0
	Produção	ton	33.830	34.180	1,0
	Valor da produção	R\$	143.100.900	166.798.400	16,6
TOTAL	Produtores	nº	223.540	222.110	-0,6
	Área cultivada	ha	408.680	405.110	-0,9
	Produção	ton	778.110	721.360	-7,3
	Valor da produção	R\$	4.192.787.900	4.551.006.800	8,5

Fonte: AFUBRA (2010)

A tabela 1 demonstra que a produção do tabaco se concentra no sul do Brasil. Segundo a AFUBRA (2010), 96% da produção do fumo ocorrem na região sul do Brasil.

Na safra 2009/2010, a produção de fumo nesses estados chegou a 687.180 toneladas com 374.000 hectares cultivados e o valor da produção foi de R\$ 4.384.208.400,00 divididos entre 185.160 produtores e a produção média por kg foi de R\$ 6,34 (AFUBRA 2010).

3.2 CARACTERÍSTICAS DA FUMICULTURA

3.2.1 Sistema Integrado de produção do tabaco

As empresas fumageiras têm uma relação próxima com o produtor de fumo. Isto ocorre devido ao sistema integrado de produção adotado que determinam o modo de produção e comercialização do produto. De acordo com Filho (2003) o contrato de integração de transferência parcial é o tipo adotado pelas fumageiras. Este se caracteriza pelo fato do produtor conservar a propriedade do produto até ocorrer a entrega do fumo a empresa. Contudo, neste modelo ocorre a interferência direta da integradora na produção do produto que acontece através dos técnicos das empresas.

De acordo com Silva e Borges (2010) o sistema integrado é a forma de regulação das relações privadas que dão a liberdade das partes em negociar seus interesses.

O autor coloca como a relação deveria ocorrer, mas salienta que motivado em aumentar os lucros, ou fugir das obrigações de quitação da dívida, o produtor pode determinar o rompimento do contrato.

O sistema integrado que ocorre entre fumageiras e produtores é o que tem determinado o crescimento de todo o setor fumageiro.

O principal aspecto que caracteriza o modelo de integração do cultivo do fumo é o contrato de compra e venda assinado antes da safra entre fumageira e produtor (SILVA, 2009). Nos meses de março e abril ocorre o cadastramento do produtor e a assinatura do contrato que determinam os trâmites de financiamento e de compromisso entre as partes, ou seja, produtor e fumageira. O cadastro do produtor e a atualização dos compromissos entre este e a fumageira ocorrem anualmente através de visita do técnico da empresa.

A partir do cadastramento e/ou atualização de dados ocorre o contrato de compra e venda onde constam as cláusulas que determinam as obrigações das partes envolvidas. A indústria se compromete a fornecer os insumos necessários, dar assistência técnica e comprar o produto no preço acordado entre os representantes dos dois lados e, ainda fica na obrigação de comprar a estimativa de produção (BARRERO et al.) e, o produtor tem a obrigação de entregar toda a safra a fumageira (SILVA, 2009).

Por muitos anos, pouco se falou em quebra desse contrato, mas com o aumento da demanda passou a ocorrer a interferência de picaretas que são atravessadores que buscam adquirir o fumo determinando o rompimento do contrato.

Filho (2003, p 09) afirma: “No sistema integrado de produção de fumo um vínculo contratual existente entre a empresa fumageira e o produtor de fumo deveria estabelecer uma relação de cooperação do tipo usuário-produtor que, como tal, teria benefícios e obrigações equilibradas”.

Mas o que ocorre em algumas situações é que os atravessadores passam na casa dos produtores e compram o fumo que está comprometido com a fumageira. Há uma quebra de contrato o que muitas vezes faz com que as empresas recorram à justiça para receber o produto de direito. A justiça determina o confisco do fumo do produtor que está se negando a entregar. Esse fumo se chama “fumo de “arresto” (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS CHASQUE, 2007). Esse procedimento não ocorre com frequência porque o produtor que conhece o ramo não deixa vestígios a ponto de deixar a empresa notar a intenção que ele possui de vender aos “picaretas” e, normalmente, quando a venda ocorre a terceiros não há tempo hábil de a empresa recorrer à justiça para evitar a negociação. A Agência de Notícias Chasque (2007) afirma que o fumo de arresto tem se tornado mais freqüente nos últimos anos devido à dificuldade de quitação das dívidas pelo produtor. O endividamento faz com que o produtor busque essa solução, pois na empresa fumageira ocorre o desconto percentual da dívida de acordo com o envio do fumo. Em algumas situações, a quebra de contrato também ocorre porque os atravessadores pagam mais pelo fumo, sendo que esse fato ocorre quando a demanda é maior que a oferta.

Filho (2003) salienta que o desequilíbrio citado acima no sistema integrado também ocorreu devido à diminuição da oferta do tabaco no comércio internacional, o que determinou o surgimento de empresas no ramo que passaram a comprar o produto dos produtores comprometidos com as fumageiras tradicionais. Quem faz a intermediação entre as empresas compradoras e produtores são os atravessadores.

3.2.2 Financiamento da safra e da estrutura física

A produção agrícola em pequenas propriedades e com relevo acidentado apresenta grandes dificuldades que se somam a fatores como, os poucos recursos disponibilizados, falta

de garantia de preço, de comercialização e de assistência técnica. De acordo com Silva e Tillmann (2009), grande número de produtores familiares tem optado pelo plantio do fumo, pois as fumageiras vêm com um pacote preparado para diminuir as dificuldades dos produtores nessas áreas, ocorrendo o financiamento de todos os insumos necessários para a produção pelo sistema bancário, tendo as fumageiras como fiadora dos produtores (SILVA e TILLMANN, 2009). Atualmente, devido à participação do Brasil na Convenção Quadro para Controle do Tabaco houve uma diminuição significativa dos recursos públicos para produção do fumo, sendo que a principal modificação ocorreu com fim do acesso do agricultor familiar ao PRONAF para o plantio deste cultivo.

A despesa decorrente dos insumos de produção é cobrada no decorrer de cada safra e descontado um percentual de cada remessa de fumo que o produtor faz para as fumageiras. (MOURA, 2007). O produtor normalmente não envia toda a safra numa mesma remessa, Isso determina que ocorra o envio de parcela do produto e o desconto percentual da dívida. Já os investimentos, como estufas e paióis, são financiados em até seis anos. Apesar dos produtores principalmente pela dificuldade de preparo do fumo para a comercialização. se sentirem seguros com as garantias das indústrias, muitos autores como, Almeida (2008) e Moura et al (2007), afirmam que este modelo pode deixar o agricultor preso à indústria, diminuindo as opções de negociação.

3.2.3 Insumos

A fumageira fornece na propriedade ao agricultor familiar os insumos e orientações necessárias para a produção de fumo. Desde o financiamento até o transporte existem etapas que exigem estrutura administrativa que é assumida pela empresa, ficando de responsabilidade do produtor aspectos ligados à produção. Silva e Borges (2010) observam que as fumageiras fornecem aos produtores condições necessárias para que a safra de fumo seja colhida com sucesso, desde as negociações iniciais até o transporte da produção. No momento em que é realizado o contrato de compra e venda é feito um levantamento das necessidades para a produção. Nos insumos está incluído desde o material para produzir as mudas até o fio para enfardar o fumo, que é a última etapa antes da comercialização.

Desta forma, todo o processo de negociação ocorre sem que o produtor necessite se deslocar de sua propriedade. A orientação técnica e entrega dos insumos ocorre em prazo que permite a semeadura e demais etapas do cultivo do fumo em tempo adequado.

3.2.4 Seguro

O fumo é uma planta muito sensível às instabilidades do clima e, muitas vezes os produtores têm tido muitos prejuízos com o granizo. As condições climáticas dão uma grande incerteza ao produtor, pois de um momento a outro toda a safra pode se perder. Nesse sentido, existe um seguro que permite ao produtor se prevenir contra o granizo feito pela AFUBRA. Quando é feito o contrato com a empresa, o produtor pode optar em fazer o seguro ou não. Os produtores têm optado em fazê-lo buscando garantir o pagamento das despesas recorrentes da compra dos insumos e da mão de obra realizada até o momento do sinistro (AFUBRA, 2010). Além do seguro da lavoura ainda existe o seguro da estufa de fumo. Para a secagem do fumo se utilizam a lenha que produz a temperatura necessária e os motores elétricos fazem girar o ar com o objetivo de uniformizar a secagem do fumo. Tem-se aí um ingrediente propício para incêndio caso o produtor não tome as precauções necessárias. Muitas vezes as estufas incendiam trazendo um grande prejuízo ao produtor. Por isso, há o seguro contra incêndio das estufas de fumo também fornecido pela AFUBRA, sendo que os seguros não são ação governamental para proteção do produtor, mas uma política privada através da associação dos fumicultores.

3.2.5 Assistência técnica

No município de Caraá existe um técnico da Emater responsável pela assistência técnica de todos os agricultores familiares do município. Já, os fumicultores dispõem assistência técnica fornecida pelas fumageiras. Esta assistência inicia no momento da realização do contrato de compra e venda quando já ocorre a orientação do melhor local a serem instalados os canteiros para produção de mudas de fumo. Também nesse momento ocorre o incentivo ao plantio de exóticas para produção da lenha que normalmente será utilizada na secagem do fumo.

No desenvolver da safra do fumo ocorrem visitas para orientação dos fumicultores que clareiam eventuais dúvidas referentes a todos os aspectos da produção (SOUZA CRUZ, 2010). Esse modelo de orientação traz segurança para o produtor por saber que em momentos de dúvidas tem onde buscar as informações necessárias.

3.2.6 Representação dos fumicultores

Silva e Tillmann (2009) afirmam que os produtores de fumo têm na AFUBRA o seu principal representante, sendo que a mesma representa a categoria no momento da negociação na busca de melhores preços. Contudo, os autores entendem que é controvertida essa representação devido às críticas realizadas por parte dos produtores.

3.2.7 Preço do fumo

O Preço do fumo depende de muitos aspectos, sendo que o principal é a demanda e oferta no mercado interno e externo. Nos meses de novembro e dezembro se reúnem os representantes dos produtores e das indústrias do fumo para chegarem a um consenso sobre o preço a ser utilizado na safra. São os seguintes os participantes da mesa de debate: representando as fumageiras, Sindicato da Indústria do Fumo (SINDIFUMO) e dos produtores, a Associação dos Fumicultores do Brasil (AFUBRA), Federações dos Trabalhadores na Agricultura nos Estados, do Rio Grande do Sul (FETAG/RS), de Santa Catarina (FETAESC) e do Paraná, (FETAEP) a Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (FARSUL), Federação da Agricultura do Estado de Santa Catarina (FAESC), Federação da Agricultura do Estado do Paraná (FAEP) e Central Única dos Trabalhadores (CUT) (SILVA, 2002).

Na tentativa de encontrar um preço que atenda as partes envolvidas surgem muitas divergências e raramente ocorre um acordo já nas primeiras reuniões. Para pressionar as fumageiras, os produtores se utilizam de métodos para influenciar na negociação, como por exemplo, o não envio do fumo até o acerto do preço, ou ainda, algumas vezes, surgem greves onde os produtores fecham os portões das empresas não permitindo que caminhões de fumo entrem nas fábricas.

Quando ocorrem divergências sobre o preço do fumo, alguns aspectos precisam ser analisados. Pelo lado dos produtores está a necessidade de cobrir o custo de produção e alcançar uma margem de lucro que permita que ele tenha condições de dar vida digna à família. Do lado das empresas existe uma preocupação com a demanda do fumo nos mercados interno e externo, os estoques e a estimativa de produção do produto nas devidas safras.

As fumageiras quando vão à mesa de negociação estão munidas de informações sobre o mercado, estoques e estimativa da safra que está iniciando. Esse último aspecto ocorre devido às informações que o técnico da fumageira tem junto aos produtores em relação à produtividade que será alcançada. A primeira estimativa ocorre quando da realização do contrato onde é acordado o número de pés que serão plantados. Mas essa estimativa muda devido a fatores que normalmente estão relacionados com o clima.

O fumo é um cultivo que se diferencia de outros principalmente pela estabilidade do preço. Apesar da dificuldade das entidades representativas em chegar a um acordo, o fumo não diminui de preço de um ano para o outro. As conversações para encontrar um valor para comercialização nas respectivas safras iniciam com o preço do ano anterior. O que pode ocorrer é um rebaixamento no momento da compra. Se existe uma oferta maior que a demanda as empresas acabam rebaixando a classe no momento da compra, como por exemplo: o fumo de melhor qualidade é o BO1 (R\$ 7,07 o quilo); se existir uma grande oferta as empresas classificam o BO1 pelo BO2 (R\$ 6,05) que é uma classe inferior (AFUBRA, 2010). Para contornar este tipo de situação existe a fiscalização da ASCAR/EMATER que acompanham a compra, mas essa fiscalização normalmente não tem trazido grandes diferenças na compra pelos compradores (responsáveis pela classificação do fumo) das empresas.

O produtor pode acompanhar o processo de compra tendo a opção de deixar o produto na empresa e se discordar da classificação pode retirá-lo da esteira e levá-lo de volta à propriedade.

A compra do fumo ocorre de acordo com a classificação, sendo que o fumo já vem separado em classes do paiol do produtor. A classificação é feita pela altura do pé que a folha se encontra. Na ordem de baixo para cima as classes são: “X”, “C”, “B” e “T”, sendo que a classe mais valorizada é o “B”. No que se refere à coloração, o fumo se classifica em “R”, “L” e “O”. Por fim tem uma subclassificação de “1”, “2”, “3”. A classe “O” determina o melhor fumo, sendo que a mesma é de cor alaranjada. Portanto, a classe mais valorizada é a “BO1” que na safra 2009/2010 valeu R\$ 7,64 por quilograma ou R\$ 104,60 a arroba (em algumas regiões, como no município de Caraá é usado a arroba como unidade de medida

sendo que ela é equivalente a 15 Kg e, em outras regiões se utiliza o Kg) (PORTAL DE CANOINHAS, 2009).

Como citado acima, o preço do fumo tem sido reajustado nos últimos anos baseados na oferta, demanda, estoques e estimativas das safras em andamento. A safra 2005/2006 teve um reajuste de 4% sobre as safras 2004/2005 (PORTAL DE CANOINHAS, 2006). A safra 2006/2007 não teve aumento devido a grande oferta do produto, sendo que valeram os preços da safra anterior (PORTAL DO AGRONEGÓCIO, 2007). O aumento para a safra 2007/2008 foi de 7,6% (HOJE CENTRO SUL, 2008). A safra 2008/2009 teve um reajuste de 13,10% no preço do fumo (UNIFUMO BRASIL LTDA, 2009). A safra 2009/2010 teve um aumento de 85%. (AFUBRA, 2010).

A tabela 2 apresenta o preço do fumo BO1 no período entre às safras 2004/2005 e 2009/2010 da variedade Virgínia (AFUBRA, 2010).

TABELA 2
Preço do fumo das safras 2004/2005 a 2009/2010

Preço do fumo nas respectivas safras - Classe BO1				
	Preço em kg		Preço em arroba	
Safra 2004/2005	R\$	5,59	R\$	83,85
Safra 2005/2006	R\$	5,81	R\$	87,15
Safra 2006/2007	R\$	5,81	R\$	87,15
Safra 2007/2008	R\$	6,25	R\$	93,75
Safra 2008/2009	R\$	7,07	R\$	106,60
Safra 2009/2010	R\$	7,64	R\$	114,60

Fonte: AFUBRA (2010)

Como visto na tabela 2, a comercialização do fumo utiliza duas unidades de medida, o kg e a arroba que equivale 15 Kg; no município de Caraá, utiliza-se com mais frequência a arroba.

Ao todo, existem 41 classes de fumo e o preço de uma fumageira para outra pode ter pequena variação. Os preços utilizados nesse trabalho são da Souza Cruz. O BO1, que é o fumo de melhor qualidade, na safra 2009/2010 valeu R\$ 7,64 o kg (AFUBRA, 2010).

3.2.8 Tecnologia na produção do fumo

A fumicultura se caracteriza por apresentar pesquisas que permitem o aumento da produtividade, a diminuição do uso de agrotóxicos e facilitem o dia a dia do produtor diminuindo a sua mão de obra.

Um dos maiores avanços nesse sentido vem dos canteiros onde são preparadas as mudas de fumo. Até o início dos anos 2000, os canteiros eram preparados no chão onde se utilizava o Brometo de Metila para a eliminação das ervas indesejáveis. Esse produto foi proibido devido ao alto grau de toxina e os impactos causados na camada de ozônio e a empresa Souza Cruz desenvolveu a Técnica Float de produção de mudas de fumo que consiste em um sistema de produção de mudas em bandejas de isopor flutuantes as quais são preenchidas com substrato e colocadas numa lâmina d'água, facilitando os tratamentos necessários, não havendo a necessidade de irrigação e trazendo uniformidade às mudas (SOUZA CRUZ, 2010). Todos os tratamentos que evitam as pragas e moléstias são realizados nos canteiros o que diminui o perigo de intoxicação do produtor. O único produto aplicado na lavoura após o transplante é o anti brotante que ocorre depois da retirada dos brotes (SOUZA CRUZ, 2010).

Como já foi dito acima, o cultivo do fumo utiliza intensa mão de obra e um dos maiores gargalos neste sentido sempre foi a colheita. Em Caraá existem dois tipos de estufa de secagem do fumo. O primeiro é um modelo antigo no qual o produtor colhe o fumo e o leva para a varanda da estufa, depois o coloca espalhado numa máquina para costurá-lo em taquaras, levando-o em seguida a um estaleiro. Para completar a estufada são necessárias aproximadamente 700 taquaras que são colhidas e costuradas num período de 4 a 6 dias. Depois é realizado o carregamento na estufa, o que demanda um número de três a quatro pessoas e esse processo ainda exige que uma pessoa suba nos estaleiros da estufa determinando perigo e grande esforço físico. Nas fotografias que seguem é possível visualizar esse modelo de estufa.



Fotografia 1: Modelo antigo da varanda e estufa de fumo
Foto: Herbert Fischborn

A estufa acima (fotografia 1) tem dado espaço a um novo modelo que visa melhorar a qualidade e diminuir a mão de obra. A pesquisa desenvolveu a estufa Loose Leaf (LL) (cura

de fumo com folhas soltas) que permite que o fumo seja colhido e colocado solto, simplificando o processo citado acima (SOUZA CRUZ, 2010). O fumo é colhido e trazido até o local da estufa e colocado solto em grades em dois níveis. Duas pessoas realizam todo o processo que ocorre em, no máximo, três dias. A Souza Cruz (2010) afirma que houve a redução de 50% na mão de obra na colheita. Esse modelo trouxe facilidades também para a comercialização, pois a qualidade conseguida vai ao encontro das exigências do mercado (SOUZA CRUZ, 2010). A fotografia 2 mostra o interior e exterior da estufa LL.



Fotografia 2 Modelo LL de estufa de secagem de fumo
Foto: Herbert Fischborn

Também foram desenvolvidas práticas agrícolas e a utilização de novos agrotóxicos que permitem aos produtores aumentar a produtividade, diminuindo a mão de obra.

Uma dessas práticas é a técnica do plantio em camalhão o que diminui a mão de obra e a perda dos fertilizantes com a lixiviação. Há alguns anos, o solo era preparado com arados onde era aberto um sulco, colocado o adubo, tapado e plantado as mudas. Essa prática trazia uma grande perda do fertilizante com a lixiviação, principalmente quando ocorria um grande volume de chuva. Seguidamente, ocorria a necessidade da aquisição de fertilizantes para reposição da perda. Com a técnica do camalhão, o fumo é plantado e somente depois ocorre a adubação, ficando o fertilizante na superfície, ocorrendo o efeito de forma lenta, de acordo com as chuvas.

O desenvolvimento de novos agrotóxicos também facilitou a vida do produtor de fumo. Atualmente, existe um herbicida pré-emergente utilizado nas lavouras que diminui a necessidade da capina do fumo. A eliminação das ervas indesejáveis era feito com arado e realizado entre duas e três capinas com enxada. Agora se faz a aplicação do pré-emergente no camalhão e em seguida é realizado o plantio, seguido da adubação e apenas uma capina para o atterramento do fumo em torno de vinte dias após. Também o tratamento para prevenção de pragas e moléstia do fumo era realizado na lavoura. Até o início dos anos de 1990, eram

utilizados muitos produtos em pó, o que trazia sérios problemas de intoxicação a quem fazia as aplicações. Com a proibição desses produtos, passou-se a utilizar produtos diluídos em água diminuindo o risco, mas não os eliminando. Atualmente, os fungicidas e inseticidas são aplicados somente no canteiro o que diminuiu consideravelmente o perigo de contaminação do agricultor. As pesquisas, além de aliviarem o trabalho dos agricultores, também permitem melhorar a qualidade e aumentar a produtividade do produto, aumentando os lucros. Na hora da comercialização as empresas valorizam o produto que apresenta as características exigidas pelos compradores internacionais (SOUZA CRUZ, 2010).

Os aspectos citados, no que se refere à utilização da tecnologia, são importantes porque permitem ao produtor de fumo menor investimento e aumento da produtividade, o que a princípio aumenta a renda do agricultor e diminui a mão de obra. Mas, é importante salientar que as empresas se obrigaram a investir em tecnologia, pois estavam perdendo espaço para outros cultivos que não exigem tanta mão de obra. A tecnologia também proporcionou a diminuição do contato dos produtores com os agrotóxicos, pois o sistema de produção de mudas float diminuiu consideravelmente a aplicação destes produtos na lavoura, ficando basicamente restrita ao canteiro, diminuindo a incidência de intoxicação.

3.3 CONVENÇÃO QUADRO PARA O CONTROLE DE TABACO (CQCT)

Historicamente, o fumo apresenta uma resistência muito grande por uma parte considerável da sociedade. Entre esses, estão ambientalistas que afirmam que o fumo contamina o meio ambiente com a utilização intensiva de agrotóxicos e destrói as matas nativas devido à necessidade de utilização de lenha para a secagem do mesmo ou para ampliar a área de cultivo. Também fazem parte do grupo, pessoas e instituições que procuram diminuir e, até mesmo, eliminar a produção do fumo no planeta defendendo a ideia de que, além dos problemas relacionados com o meio ambiente, existe um grande problema de saúde pública.

Nesse sentido, em 2003, surge um tratado denominado Convenção Quadro para o Controle do Tabaco (CQCT) organizado pela Organização Mundial Saúde (OMS) e que tem como objetivo principal “a proteção à saúde e promoção da qualidade de vida” (MDA, 2007).

Conforme o MDA (2007), a criação da CQCT foi o resultado da reação do mundo diante de mais de 5 milhões de mortes resultantes do vício do cigarro. O tratado teve a aprovação de 193 países membro da Organizações das Nações Unidas (ONU).

Os países participantes da CQCT têm uma grande preocupação devido à mudança de estratégia dos grandes oligopólios do fumo que se caracteriza em investir no cultivo do fumo em países em desenvolvimento, já que nos países desenvolvidos têm aumentado a restrição ao cultivo e consumo do fumo (MDA, 2007). De acordo com MDA (2007), outro fator que tem motivado as grandes empresas do ramo a investirem nos países em desenvolvimento é o baixo custo da mão de obra, o que determina o barateamento do produto final. A CQCT é vista por muitos como uma ameaça as mais de 200 mil famílias que dependem do fumo para sua segurança econômica. O MDA (2007) encara este aspecto como uma dependência dos fumicultores que ficam reféns da interação entre produtores e empresas do ramo, bem como ressaltam o perigo de contaminação que os agricultores estão expostos devido à utilização intensa de defensivos agrícolas.

Para fazer da CQCT um programa que diversifique áreas cultivadas com fumo o Governo Federal lançou, em 2005, o Programa Nacional de Diversificação em Áreas de Cultivo com Tabaco que teve com objetivo principal buscar experiências de diversificação usando para isto a Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) (MDA, 2007).

Apesar da busca por alternativas e políticas que possam diversificar áreas com cultivo de fumo, o MDA (2007) e Figueiredo (2008) afirmam que existem sérias dificuldades em se apresentar programas que apresentem alternativas consistentes para diversificar áreas com o plantio do fumo. O MDA (2007) apresenta como maior empecilho para a diversificação a rentabilidade que o fumo apresenta, pois outros cultivos não conseguem trazer os mesmos resultados econômicos. Figueiredo (2008) afirma que existem muitos aspectos que dificultam a diversificação, como exemplo, a falta de recursos para investimento, dificuldade de comercialização e dificuldade de transporte e armazenamento. Os aspectos citados são exatamente as garantias que o fumicultor recebe ao plantar o fumo, o que dificulta a busca por alternativas. Outra dificuldade que existe está relacionada ao saber fazer, ideia que as empresas fumageiras vão impondo ao produtor que, com o tempo, entende que fumo é cultivo que ele conhece e sabe plantar (FIGUEIREDO, 2008).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A fim de alcançar o objetivo central deste trabalho, que consiste em conhecer a dinâmica socioeconômica dos agricultores familiares produtores de fumo do município de Caraá, foram realizadas entrevistas com tais atores. Para facilitar a análise, optou-se em fazer a pesquisa com 50% dos produtores que atualmente plantam fumo resultando, em 15 agricultores familiares.

O roteiro semi-estruturado (APÊNDICE A) buscou investigar a situação socioeconômica do produtor de fumo do município de Caraá, tendo sido realizadas 17 questões que, depois de respondidas foram tabuladas (APÊNDICE B), facilitando, assim, a análise das mesmas.

Antes de apresentar os resultados da coleta de dados junto aos produtores, é importante que se apresente dados referentes às safras 2006/2007 a 2010/2011, fornecidos pelo orientador técnico de fumo da Souza Cruz, Claudir Pedro Martinelo. Dessa forma, segue tabela fornecida pelo referido técnico trazendo dados relativos ao número de produtores, produção e média de preço das safras 2006/2007 a 2010/2011¹, no município de Caraá.

TABELA 3
Dados das safras 2006/2007 a 2010/2011

Safra	2006/2007	2007/2008	2008/2009	2009/2010	2010/2011
Número de produtores	39	32	33	32	30
Produção em toneladas	208	130	160	149	
Média do preço em Kg	R\$ 4,00	R\$ 4,35	R\$ 5,60	R\$ 6,12	
Média do preço por arroba	R\$ 60,00	R\$ 65,25	R\$ 85,50	R\$ 91,80	

Fonte: Martinelo, Dez/2010

Pela tabela 3, percebe-se que da safra de 2006/2007 a 2009/2010 o recurso pago aos produtores de Caraá foi 53%. Contudo, o aumento acordado entre os representantes dos fumicultores e das fumageiras nesse mesmo período foi de 31,5%. Há dois fatores que podem explicar este aumento da tabela 3. O primeiro está relacionado com a falta de fumo durante essas safras, o que determinou que as empresas melhorassem a compra no momento da classificação do produto. O segundo fator foi a introdução da tecnologia no município de

¹ A totalidade dos dados 2010/2011 não está computada na tabela pelo fato da safra estar em andamento. Entretanto, a referida safra foi apresentada na tabela abaixo, pois no mesmo consta o número de produtores que serviu de base para as entrevistas.

Caraá, principalmente com a construção das estufas LL, o que determinou o aumento da qualidade do fumo e, conseqüentemente, a melhoria do preço.

A média do preço pago aos produtores de Caraá é inferior ao da região sul do Brasil. Na tabela 3 percebe-se que no município foi pago R\$ 6,12 pelo kg do fumo, enquanto a região sul do Brasil nesse mesmo ano apresentou a média de R\$ 6,34. O valor é significativo, mas Martinelo (2010), orientador técnico, afirma que o contraste já foi muito maior e que atualmente a qualidade do fumo no município tem melhorado.

4.1 RESULTADOS

4.1.1 Tempo de atividade no plantio do fumo

A primeira pergunta realizada aos produtores foi há quanto tempo eles plantam fumo. Nessa questão, o produtor foi levado a responder há quanto tempo planta fumo sendo o responsável pela sua família, não somando o tempo que plantou com seus pais. A média de tempo entre os 15 agricultores foi 24,66 anos plantando fumo. O que planta há menos tempo o faz há 14 anos e, há mais tempo, 40 anos.

O fato dos produtores plantarem fumo numa média de 24,66 anos demonstra que o fumo faz parte da tradição de cultivo do município. Existem várias razões que motivaram o plantio por tanto tempo, sendo que os dados fornecidos pelos produtores nas questões que seguem podem explicar a motivação para permanecer nessa atividade.

4.1.2 Questão fundiária

As perguntas que seguem se referem à questão fundiária (questão 3 e 4). Todos os produtores são proprietários das terras que utilizam para o cultivo do fumo ocorrendo, eventualmente, o arrendamento para permitir o descanso do solo. Nesse sentido, é interessante analisar as respostas da questão 3 relativa ao tamanho da propriedade e da questão 15 onde foram relatadas as aquisições possibilitadas pelo plantio do fumo. Entre os quinze produtores entrevistados, quatorze afirmaram que compraram terra e especificaram o tamanho das áreas adquiridas. A média adquirida com plantio do fumo entre os 15 produtores foi 7,83 hectares.

Os dados demonstram que cada família adquiriu nestes 24,66 anos de cultivo em média 0,46 hectares de terra/ano. A média que cada produtor possui de terra é de 11,4 hectares por família. A seguir, segue tabela com o levantamento de dados realizados sobre a questão fundiária dos produtores entrevistados:

TABELA 4
Dados sobre as áreas de terra dos produtores de fumo de Caraá

Dados sobre as quantidades de terra dos produtores de fumo - hectares			
Produtor	Área total da propriedade	Área adquirida com o fumo	Área adquirida de outras formas
A	13	6	7
B	16,6	5	11,6
C	4,5	4,5	0
D	3,5	0	3,5
E	10	10	0
F	7	3	4
G	4	4	0
H	10	10	0
I	25	20	0
J	18	5	13
L	12	6	6
M	5	5	0
N	11,5	8	3,5
O	17	17	0
P	14	14	0
Total	171,1	117,5	48,6

Fonte: Produtores de fumo do município de Caraá

A tabela 4 demonstra que os produtores de fumo de Caraá possuem 171,1 hectares de terra, sendo que 117,5 foram adquiridas com produção do fumo e 48,6 hectares de outras formas. Esse último dado normalmente está relacionado com herança. No gráfico 2, tem-se o percentual desses dados que são de 71% adquiridos com o fumo e 29% de outras formas.

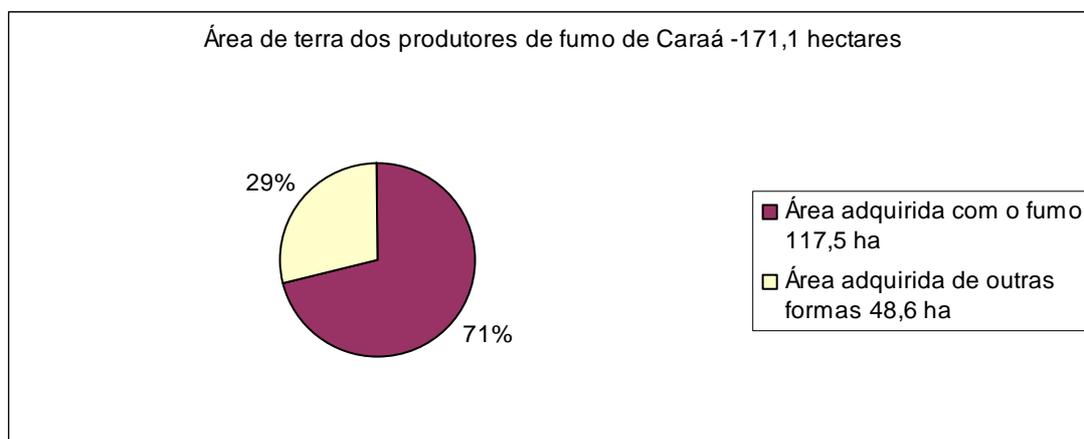


Gráfico 2: Área de terra dos produtores de fumo de entrevistados.

Fonte: Produtores de fumo do município de Caraá

4.1.3 O fumo como a principal atividade e outros cultivos

A principal atividade desenvolvida pelos agricultores entrevistados é o plantio do fumo, tendo 100% desses declarado que a principal renda vem desse cultivo e, no mesmo percentual, que o destino do produto é a Souza Cruz. Não há no município outra fumageira que faça concorrência com a empresa citada. Outros cultivos e criações ocorrem visando à comercialização, obtendo esses menor peso no orçamento da família. O gado é o segundo produto na lista que complementa o orçamento familiar. Entre os entrevistados, onze criam gado, sendo que além do retorno financeiro fornecem a tração de força necessária para o preparo do solo e transporte dos produtos cultivados. Além desses, ainda foram citados em menor percentual a alfafa, feijão, milho, eucalipto, aipim e vassoura. Dois produtores declararam que não comercializam nenhum outro produto além do fumo.

O plantio para autoconsumo (pergunta número 8) é desenvolvido por todos os entrevistados e todos cultivam hortigranjeiros. A grande maioria também tem na propriedade pequenos pomares para consumo da família. O cultivo de feijão, milho e aipim são produzidos de modo geral, sendo o excedente comercializado.

No que se refere ao plantio de fumo, foram cultivados, pelos entrevistados, 39,5 hectares numa média de 2,64 hectares por produtor. A quantidade total plantada foi de 590 mil pés de fumo dividido entre os 15 produtores, resultando em 39 mil pés por agricultor familiar, média essa que chegou a esse nível devido à introdução da estufa LL nos últimos anos.

4.1.4 Mão de obra

Entre os pontos abordados, o que mais foi mencionado pelos produtores de fumo foi a mão de obra. Silva e Tillmann (2009) afirmam que a grande quantidade de mão de obra exigida determinou o crescimento do fumo entre os agricultores familiares. Essa afirmação corresponde à história da produção do fumo do município de Caraá. Contudo, atualmente, tem diminuído a mão de obra disponível e os produtores têm encontrado grandes dificuldades para realizar as principais tarefas na lavoura do fumo, especialmente a colheita. A tabela 5 apresenta o número de pessoas que trabalham no fumo durante o ano e a época em que ocorre a contratação.

TABELA 5
Tabela da mão de obra ocupada na produção do fumo no município de Caraá

Tabela da mão de obra ocupada na produção do fumo no município de Caraá			
Produtor	Nº de pessoas da família que trabalham em tempo integral	Nº de pessoas contratadas para o cultivo do fumo	Época em que ocorre a contratação
A	3	0	Não contrata
B	3	1	Colheita. 20 dias intercalado
C	2	1	12 meses
D	1	1	Novembro a Janeiro- colheita
E	2	3	Novembro a Janeiro- colheita
F	1	2	Novembro a Janeiro- colheita
G	3	3	Outubro a dezembro
H	2	0	Não contrata
I	2	1	Agosto a setembro Novembro a Janeiro
J	1	2	10 dias intercalados
L	2	0	Durante 20 dias intercalados
M	1	2	Durante 20 dias intercalados
N	2	0	Não contrata
O	2	2	Durante 20 dias intercalados
P	3	1	Durante 15 dias intercalados
Total	30	19	

Fonte: Produtores de fumo do município de Caraá

A tabela 5 mostra que, em média, cada família dispõe de duas pessoas que trabalham o ano inteiro na safra do fumo. Além disso, as quinze famílias entrevistadas contam com o trabalho de dezenove pessoas contratadas. Destes dezenove contratados somente um permanece durante todo o ano e as demais contratados trabalham de 15 dias a até 3 meses por ano. Estes últimos trabalhadores prestam serviço aos fumicultores de modo intercalado, normalmente no período de colheita.

O fumo sempre demandou grande quantidade da mão de obra e como esta se tornou escassa, as empresas fumageiras passaram a buscar na tecnologia a solução desse problema.

De acordo com os produtores, a tecnologia tem ajudado a resolver esse problema como, por exemplo, a técnica float de produção de mudas e a estufa LL. Entretanto, esses são apenas atenuantes e não têm resolvido a questão da falta de mão de obra. Deve-se ressaltar que a média de idade dos produtores é de 51,6 anos e, em muitos casos, não contam com a ajuda dos filhos, pois alguns moram fora, e outros moram junto, mas trabalham em outra atividade. Esse aspecto, somado a pequena oferta de mão de obra contratada, tem criado empecilhos para a atividade, dificultando a permanência no cultivo do fumo. Os diaristas têm cobrado, de acordo com produtores de fumo, em torno de R\$ 100,00 ao dia para auxiliar na colheita, o que diminuiu consideravelmente o faturamento líquido.

4.1.5 Faturamento bruto e líquido na safra do fumo

No que se refere à arrecadação com a produção do fumo, foram feitas perguntas (questões 12 e 13) aos produtores sobre o faturamento bruto e líquido. Com relação ao segundo ponto, logo na primeira entrevista percebeu-se que quando se fala em “quanto sobrou” o produtor se refere ao valor bruto diminuído dos insumos, do seguro (opcional), do consumo da lenha e mão de obra contratada. Nesse cálculo, não é computado pelo produtor o valor da mão de obra familiar sendo, então, necessária a realização dos cálculos para que se obtenha o faturamento líquido, o qual deverá ser dividido entre os familiares que trabalham na safra.

Um aspecto que preocupava o autor desse trabalho antes da realização das entrevistas estava relacionado com o comportamento dos agricultores ao serem questionados quanto aos valores conseguidos na safra e se estes tinham o conhecimento desses dados. Mas os produtores surpreenderam nos dois aspectos, pois em nenhum momento tiveram dificuldades em repassar os dados. Alguns tinham os valores exatos e apresentaram as contra notas para mostrar os montantes. Outros arredondaram os valores, sendo que a aproximação dos cálculos não ultrapassa o valor de R\$ 500,00. Nesse sentido, tem-se a convicção de que os números apresentados trazem os valores reais do faturamento bruto e líquido dos produtores de fumo da safra 2009/2010. A tabela 6 apresenta esses dados:

TABELA 6
Faturamento da safra do fumo 2009/2010 no município de Caraá

Produtor	Faturamento da safra do fumo 2009/2010 no município de Caraá		Média anual por produtor/família cadastrado		Média mensal por pessoa	Média Mensal por família
	Bruto	Líquido	Bruto	Líquido	Líquido	Líquido
A	R\$ 35.000,00	R\$ 26.000,00				
B	R\$ 24.950,00	R\$ 17.000,00				
C	R\$ 43.000,00	R\$ 32.000,00				
D	R\$ 12.000,00	R\$ 8.000,00				
E	R\$ 39.000,00	R\$ 24.000,00				
F	R\$ 15.245,00	R\$ 11.000,00				
G	R\$ 52.000,00	R\$ 26.000,00				
H	R\$ 23.000,00	R\$ 18.000,00				
I	R\$ 25.000,00	R\$ 16.000,00				
J	R\$ 24.000,00	R\$ 15.500,00				
L	R\$ 20.200,00	R\$ 17.300,00				
M	R\$ 15.000,00	R\$ 10.000,00				
N	R\$ 17.500,00	R\$ 13.500,00				
O	R\$ 45.000,00	R\$ 35.000,00				
P	R\$ 48.000,00	R\$ 30.000,00				
Total	R\$ 438.895,00	R\$ 299.300,00	R\$ 29.259,67	R\$ 19.953,33	R\$ 831,38	R\$ 1.662,76

Fonte: Produtores de fumo do município de Caraá

A tabela 6 apresenta o valor bruto de R\$ 438.895,00 que dividido pelas famílias produtoras apresenta a média de faturamento bruto anual, ou seja, R\$ 29.259,67. Os valores líquidos somam R\$ 299.300,00, o que dá média de R\$ 19.953,33.00 por família/ano. A média mensal líquida por família resulta em R\$ 1882,76 Para se obter o valor por trabalhador, dividiu-se o valor médio líquido anual por 30, sendo este o número de pessoas que trabalham na lavoura do fumo entre os 15 agricultores entrevistados. Tem-se então o valor líquido mensal por trabalhador rural de R\$ 831,38.

4.1.6 O fumo como motivação para permanecer no campo

Depois de apresentar dados relacionados com o faturamento, o questionário se preocupou em buscar informações que contemplassem o sentimento do agricultor familiar em relação ao cultivo do fumo. O primeiro aspecto está preocupado em saber se o fumo motivou o produtor a permanecer no campo. Nove dos quinze entrevistados foram categóricos em afirmar que se não fosse o fumo não estariam mais no campo devido o faturamento alcançado. Também foi citada a garantia que o fumo dá em proporcionar o sustento da família. Um aspecto citado pelos entrevistados diz respeito ao saber fazer. Figueiredo (2008) diz que este aspecto está muito presente na produção do fumo. Os produtores afirmam que não conhecem outro meio de manter a família, seja no campo, ou na cidade. Esse fato está ligado ao tempo que se trabalha no fumo, que vai além do que foi fornecido acima, pois a maioria trabalha nesse cultivo desde criança. Também deve ser levada em consideração a afirmação do autor reforçando que as empresas têm interesse em que o agricultor pense que o que ele sabe fazer é plantar fumo.

4.1.7 A satisfação do agricultor familiar e a aquisição de bens

A produção do fumo possibilitou aos agricultores familiares a aquisição de muitos bens. No item acima, que fala sobre questões fundiárias, foi mencionada a aquisição de terra, de grande importância para o agricultor. Foi visto que 71% das terras que os agricultores possuem foram adquiridas com o cultivo do fumo. Outros bens também foram mencionados (questão 15), como carro, terrenos na cidade, eletrodomésticos e equipamentos. Mas o aspecto

que se seguiu à compra de terra foi a construção da casa, citado por dez entrevistados. Também foi mencionado por dois produtores o estudo dos filhos.

A aquisição desses bens e a possibilidade de dar uma vida digna à família determinam a satisfação dos produtores em plantar fumo. Treze agricultores familiares afirmaram que estão satisfeitos com o retorno que o fumo proporciona (questão 16). Mas aqui são mencionados aspectos que atualmente têm trazido preocupação como, por exemplo, a grande quantidade de mão de obra exigida e a dificuldade em conseguir diaristas e a queda na margem de lucros. O produtor em geral afirma que o preço pago deveria ser maior devido à questão citada que se refere ao intenso trabalho que é produzir fumo.

4.1.8 A continuidade na produção do fumo

O conhecimento relativo aos aspectos ligados à produção de fumo e os resultados financeiros obtidos com esta produção têm relação direta com a continuidade no plantio do fumo no município de Caraá.

A última pergunta (questão 17) trata sobre esse tema, tendo-se o objetivo de saber se o produtor pretende continuar ou não a plantar fumo. Onze produtores, motivados pelo retorno financeiro proporcionado pelo fumo e pela segurança na comercialização, vão continuar no cultivo. Os produtores afirmam que continuar a plantar fumo se torna uma necessidade devido à falta de um produto que possibilite um rendimento semelhante. O aspecto “saber fazer” tem forte peso no momento de decidir sobre a continuidade no plantio.

Os produtores que não mais pretendem plantar fumo justificam de diferentes formas tal procedimento. Dois afirmam que o retorno financeiro tem diminuído com os anos e que, atualmente, não vale mais a pena plantar fumo. Também são citados aspectos como idade avançada, falta de incentivo da empresa fumageira e a falta de mão de obra. O gráfico 3 que segue, demonstra os percentuais dos produtores que pretendem continuar a produzir fumo. Destes, 73% afirmaram que continuarão na produção e 27% pretendem parar.

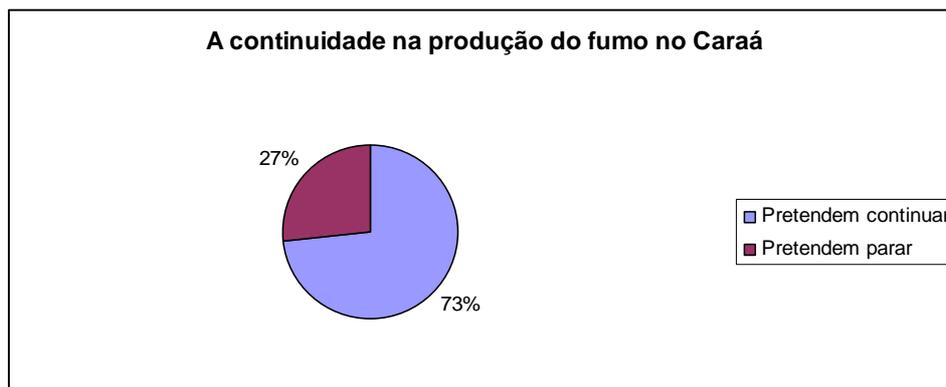


Gráfico 3: A continuidade na produção do fumo no Caraá
Fonte: Produtores de fumo do município de Caraá

4.2 DISCUSSÃO DOS DADOS

A produção do fumo é uma alternativa para mais de 185 mil famílias distribuídas nos estados do sul do Brasil. O município de Caraá apresenta um quadro semelhante, pois o agricultor familiar busca nesse cultivo os meios de se manter numa atividade agrícola.

O cultivo do fumo traz diferentes reações entre os produtores e no público em geral. Os representantes dos produtores defendem o direito da continuidade no plantio do fumo e ecologistas e organizações ligadas à saúde buscam o fim da sua produção.

Os dados produzidos nas entrevistas com os agricultores familiares de Caraá mostraram que as diferentes reações também ocorrem entre os produtores. Para a maioria, o fumo é uma alternativa econômica que possibilita a permanência da família no campo. Para outros, o fumo já teve seu momento que possibilitou estabilidade financeira e atualmente não apresenta os mesmos resultados.

Para melhor compreender como o agricultor familiar está inserido nesse contexto é importante que ocorra uma análise dos dados fornecidos pelos produtores de fumo no município de Caraá através das entrevistas, sendo possível verificar os pontos fortes e fracos da cadeia produtiva do fumo.

Um dos pontos que chama a atenção é o tempo que os agricultores plantam fumo. Eles aprenderam com os pais e ao formarem família continuaram na atividade por compreenderem que esse é o meio que lhes dá maior rentabilidade. Esse fato determinou que os produtores, com o tempo, acostumassem ao cultivo do fumo e não buscassem alternativas. Esse aspecto é citado por Figueiredo (2008), que afirma que a empresas embutem no produtor a ideia de que plantar fumo é o que eles sabem fazer.

Sob um aspecto, o produtor busca no fumo a segurança por ter o comércio garantido para o produto e, por outro lado, vive a incerteza devido a aspectos externos da cadeia produtiva do fumo, como as campanhas antitabagistas que atualmente ocorrem em todo mundo. Existem programas que pretendem diversificar áreas de cultivo de fumo que atingem a todos os produtores, materializado pela restrição ao crédito, o que pode dificultar o plantio e a diminuição do consumo do cigarro, acarretando a queda no preço do tabaco. Com relação ao crédito, há atualmente certo receio dos produtores de fumo do município de Caraá. As empresas fumageiras têm sido pressionadas para restringirem os financiamentos o que pode determinar que o pacote que tanto traz vantagens ao fumeiro comece a ser diminuído.

Além dos aspectos externos, a cadeia produtiva do fumo também enfrenta problemas internos. A principal fraqueza dessa ordem no município de Caraá está relacionada com a intensa mão de obra exigida para produção do fumo. Esse aspecto é colocado por Silva e Tillmann (2009) como uma característica do fumo, o que permitiu ao agricultor familiar permanecer no campo. O grande produtor rural não pode produzir fumo devido a essa exigência de mão de obra. No Caraá, sempre ocorreu de forma semelhante. Mas com o tempo, os filhos de agricultores foram para as cidades, escasseando a mão de obra e, o que antes era o que favorecia o agricultor familiar, passou a ser um problema de difícil solução. Atualmente, existem grandes dificuldades para a contratação de diaristas para algumas práticas, como a colheita. Apesar das dificuldades da contratação dos diaristas, onze produtores contratam pessoas para auxiliar na lida do fumo. No período da colheita ocorre um leilão e o preço pago chega a R\$ 100,00 ao dia.

O problema da mão de obra se tornou um desafio para as empresas fumageiras que buscaram solucionar o problema investindo em tecnologia. A estufa LL é o grande avanço tecnológico no que se refere a produção do fumo. Esta diminuiu consideravelmente o trabalho para secagem do fumo, pois o mesmo não precisa ser amarrado em taquaras o que diminui a mão de obra, pois vai solto para o forno como vem da lavoura.

Mas a verdade é que os entrevistados se referem a esse problema como uma limitação no cultivo do fumo, inclusive sendo citado por alguns como o motivo que está determinando a parada nessa atividade. A tecnologia tem ajudado, mas não solucionou o problema.

Dentro da cadeia produtiva do fumo de Caraá há um aspecto interno que se tornou uma potencialidade, ou seja, a questão fundiária. O Agricultor conseguiu, com o cultivo do fumo, aumentar sua propriedade. Pelos dados fornecidos pelos produtores percebe-se que, em média, cada família possui 11,4 hectares e que destes, 71% foram adquiridos com o cultivo do

fumo. Esse fato demonstra que a produção de fumo no município é uma força no que se refere a questões fundiárias.

É importante destacar que o fumo não exige grandes áreas para o plantio, o que possibilita ao produtor ser autossuficiente em terras para cultivar o fumo. Esse fato dá segurança a quem produz. A área média cultivada no município de Caraá é de 2,64 hectares por produtor permitindo produzir, além do fumo que é o principal cultivo de todos os agricultores entrevistados, outros produtos, seja para comercializar ou para o autoconsumo.

Nesse sentido, é importante analisar o plantio de outros cultivos. O fumo é a principal renda da família, com a qual o agricultor conta para manter a família e fazer os investimentos. Mas outras plantas e criações existem, auxiliando no faturamento familiar. Um aspecto que chama a atenção é o baixo número de pessoas que afirmam que possuem aves na propriedade. Essa não é uma característica da região, mas do produtor de fumo. O fato ocorre porque as atividades na propriedade são intensas e a criação desses animais exige cuidados diários, o que em determinadas épocas, como no plantio e na colheita, torna-se difícil pela falta de tempo. Já o gado é citado como um produto de comercialização, e nesse caso o boi é utilizado como força de tração sendo posteriormente, comercializado. Normalmente, o produtor que possui uma junta de bois para o trabalho, já possui terneiros para substituir os que estão em atividade, isso proporciona uma renda extra, como se fosse uma poupança. Esse é um modelo de criação muito utilizado em todo o município e dá bons resultados. Além disto, ainda há o leite fornecido pelas criadeiras que, normalmente não tem grande produção devido à raça zebuína predominante na região, mas possibilitam o abastecimento da casa.

Também são cultivados outros produtos para a comercialização. Uma característica do produtor de fumo do município é o plantio da safrinha que ocorre em fevereiro. Nessa época, o fumo já foi em grande parte colhido e o produtor aproveita a terra para plantar o milho e feijão. Mesmo que esses grãos não tenham um bom valor comercial é um meio de aproveitar o fertilizante que sobrou do plantio do fumo. Normalmente, ocorre a semeadura nessas lavouras com pouco investimento, sendo os grãos plantados nos camalhões utilizados no fumo.

É importante destacar que os produtores entrevistados deram grande ênfase aos produtos para autoconsumo. Todos plantam para consumo da família e afirmam que dificilmente compram fora algum produto que seja possível plantar na sua propriedade. A horticultura é uma prática comum que facilmente é visualizada por estar ao lado das casas de moradia.

A produção de outros produtos para comercialização e autoconsumo dos produtores de fumo do município de Caraá demonstra uma conscientização da necessidade de buscar a complementação da renda familiar e a autossuficiência no que se refere aos produtos possíveis de serem cultivados na propriedade. Mas é importante destacar que o fumo é o principal cultivo de todos os produtores entrevistados e que sem ele seria muito difícil permanecer na atividade agrícola. Esse aspecto fica bem claro quando os produtores são perguntados se o fumo é uma motivação para permanecer no campo, todos responderam que sim e a maioria afirmou que sem esse cultivo já teria buscado alternativas na cidade.

Fazer uma análise da situação econômica dos produtores de fumo de Caraá leva a um levantamento de bens que estes adquiriram com o cultivo do produto. É evidente que nesse contexto entra a questão social, mas esta não será abordada por não ser o foco do trabalho. O que se pretende é analisar os dados fornecidos pelos produtores que relataram o que adquiriram em bens materiais nos anos de produção de fumo. A aquisição de terra já foi mencionada acima quando foi abordada a questão fundiária. Mas é bom frisar que 14 dos produtores entrevistados compraram terra com o cultivo do fumo. Esse aspecto é de grande relevância por se tratar da ferramenta de trabalho do agricultor familiar e o que o motiva a permanecer no ramo em que está. Mas, além da terra, o fumo possibilitou a aquisição de outros bens, destacando-se a construção da casa que foi mencionado por 10 agricultores. A casa sem dúvida é um aspecto importante, que eleva a autoestima das pessoas.

A fotografia 2 abaixo traz casa construída com o recurso do fumo.



Fotografia 3: Casa construída com recursos do fumo. Foto: Herbert Fischborn

Também foram citados carros, estudo dos filhos e outros bens como equipamentos e eletrodomésticos.

A aquisição desses bens dá ao produtor de fumo o incentivo que necessita e é possível fazer a constatação de que ele tem conseguido ter conforto e uma relativa estabilidade econômica. É importante analisar o faturamento que ele tem conseguido e para essa análise utilizou-se a safra 2009/2010 como referência. O produtor alcançou a renda média mensal de R\$ 831,38. A média é de duas pessoas por família, sendo geralmente, formada pelo casal. No total, a família arrecada R\$ 1662,62 por mês. Em doze meses, resulta em R\$ 19953,12. Os produtores conseguem adquirir os bens citados acima porque o montante arrecadado vem reunido e as despesas decorrentes dos gastos diários foram cobertas com outros cultivos já citados. É um modelo de economia que ocorre na produção do fumo de Caraá e é citado com frequência pelos produtores.

A última questão a ser analisada está relacionada à continuidade dos produtores de Caraá na produção de fumo. O que determina se o produtor vai continuar a plantar fumo nem sempre tem a ver com o aspecto econômico, mas é mencionado por alguns a incerteza de sucesso em outras atividades. A tradição no cultivo do fumo, o saber fazer, a segurança na comercialização e a falta de alternativas em vários momentos determinam que o produtor continue nesse ramo. As entrevistas deixaram bem claro esse aspecto.

Os produtores de fumo pretendem continuar a cultivar o fumo pelos aspectos citados acima, mas os principais aspectos são o retorno financeiro e a segurança proporcionado por esse cultivo. A avaliação dos agricultores é de que a permanência no campo está diretamente ligada à produção do fumo e, que este permite que a família tenha segurança econômica, inclusive com capacidade de investimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer a dinâmica socioeconômica dos agricultores familiares produtores de fumo do município de Caraá foi o que motivou a realização desse trabalho. Para tal, foi realizado um estudo bibliográfico que possibilitou conhecer aspectos da cadeia produtiva do fumo e o mercado interno e externo do tabaco e, como este mercado se comporta e a influência que tem na vida do produtor de fumo. Ainda na revisão bibliográfica foi possível conhecer a atuação da Convenção Quadro para o Controle do Tabaco ((QCCT) e seus reflexos na produção fumo.

Neste sentido, pode-se entender que o fumo, seja ele *in natura* ou processado já como cigarro, é um produto que gera polêmica. Toda discussão em torno do tema traz ações que normalmente têm o objetivo de diminuir tanto a produção do fumo como o consumo do cigarro. O que se percebe é que o produtor do fumo fica no meio de uma turbulência que em determinados momentos causa prejuízos e principalmente insegurança, o que vai no sentido contrário àquilo que atraiu o produtor de fumo, ou seja, a segurança e as vantagens do sistema integrado de produção.

Apesar das campanhas anti tabagistas a produção ainda não tem diminuído no Brasil, e isto ocorre devido à queda da produção do tabaco nos países desenvolvidos e no Zimbábue. Também a Convenção Quadro para o Controle do Tabaco (QCCT) não tem provocado a diminuição na produção do fumo esperado por organizações responsáveis pela saúde pública como Organização Mundial da Saúde (OMS) e por organizações defensoras do meio ambiente. No Brasil, a QCCT procura através do Ministério de Desenvolvimento Agrário diversificar áreas desse cultivo. Contudo, o próprio MDA (2007) afirma que os resultados econômicos da produção do fumo dificultam a diminuição da produção do tabaco.

Mas, campanhas contrárias à produção do fumo são uma realidade e os reflexos são sentidos em pequena escala, mas podem, em curto prazo, dificultar ou tornar inviável a produção. O produtor de fumo defende o direito de produzir um cultivo que tem dado relativa segurança a sua família e tem medo de que as campanhas antitabagistas o coloquem numa situação semelhante a que estava antes de aderir a esse cultivo, especialmente relacionado com a comercialização, processo esse que ele não conseguiu assimilar e acabou se configurando no grande gargalo de sua atividade. Para o produtor, os programas do governo para diversificação são pouco conhecidos e dificilmente atenderão a mais de 200 mil produtores de fumo do Brasil.

Depois de realizado o estudo bibliográfico foi aplicado um roteiro com perguntas semi-estruturadas por amostragem a 15 produtores de fumo de Caraá. Tem-se a convicção de

que o método utilizado atingiu seu objetivo de conhecer a realidade econômica dos produtores de fumo de Caraá.

Na busca destes dados junto aos produtores de fumo, ficou evidente que o agricultor familiar de fumo de Caraá teve, nesses anos de produção, crescimento econômico e o que mais chama a atenção é a aquisição de bens pelo agricultor familiar. O ponto central dessa conquista é a aquisição das terras que hoje formam suas propriedades, sendo que 71% delas são formadas por áreas adquiridas com a produção do fumo.

O fato de conseguir aumentar o patrimônio é um dos motivos que levam à produção do fumo no município de Caraá. A terra e a conquista da casa de moradia proporcionam uma grande satisfação ao produtor. Percebe-se que as habitações dos produtores, em geral, se diferenciam dos demais.

A investigação demonstrou que a conquista da estabilidade econômica do produtor não depende somente desse cultivo, mas também de outros produtos para a comercialização. Esse fato é muito citado pelos agricultores que afirmam que, com a safra do fumo, eles conseguem um valor significativo reunido permitindo assim o investimento desejado. Diversos produtores planejam a construção das suas casas em partes. Após cada safra destinam parte do arrecadado, ou a totalidade, na continuidade da construção. O valor médio de R\$ 1.662,62 mensal por família que o fumo proporcionou na safra/2009/2010 possibilita esse planejamento de investimentos. O pagamento da despesa mensal ocorre com outros cultivos. Também o cultivo para o autoconsumo é uma prática que ocorre com todos os produtores que foram entrevistados, o que possibilita economia nos gastos com alimentação.

Mas, apesar desse cenário, tem ocorrido queda na produção do fumo no município. Segundo os produtores, o fumo é um cultivo que exige muito compromisso, grande quantidade de mão de obra e muita determinação.

Um aspecto determinante na diminuição do plantio de fumo foi a instalação de fábricas de calçado no município, o que motivou principalmente os jovens a abandonar o cultivo do fumo. Outros se dirigiram para cidades como Gravataí e Cachoeirinha onde foram trabalhar nas metalúrgicas.

O fato de os jovens buscarem alternativas nas cidades determinou o envelhecimento do produtor de fumo de Caraá. A média de idade de 51,6 anos dos produtores traz uma projeção de diminuição no cultivo do fumo no município. A aposentadoria e o desgaste físico têm provocado uma reação de parada na atividade dos produtores de idade mais avançada. Mas a análise da pesquisa realizada mostra que mesmo projetando que vão parar de plantar

fumo há o reconhecimento de todos os produtores com o retorno do fumo como o cultivo que possibilitou a aquisição de bens e estabilidade da família.

Continuando nessa análise, é importante salientar que há entre alguns produtores de fumo a constatação de que o tempo bom do cultivo do fumo já passou. São especialmente os que estão acima da média de idade e que contam com a aposentadoria do casal para o sustento da casa. São exatamente esses que afirmam estar cansados com o compromisso da lida do fumo.

Contudo, na sua grande maioria, os produtores pretendem continuar a plantar fumo por entenderem que têm alcançado o retorno financeiro que permite dar condições dignas a sua família.

Os aspectos abordados mostram que a realidade econômica dos produtores de fumo do município de Caraá, trazendo diferentes manifestações, mas determinando que quem planta fumo tem relativa estabilidade econômica. O fumo é um cultivo que gera renda permitindo estabilidade e segurança para quem está envolvido no processo. Além desse aspecto, também é importante destacar o fato dos produtores sentirem que são especialistas na produção, proporcionando elevada autoestima.

Para concluir, é importante que se diga que no município de Caraá o produtor de fumo tem bom crédito no comércio local pelo fato de ter comercialização garantida e um retorno reunido o que possibilita a quitação dos compromissos assumidos. Está claro que o agricultor familiar produtor de fumo não pode depender só do fumo para ter uma vida de qualidade, mas que outros cultivos fazem parte da sua vida, o que diminui a dependência de um único produto. Neste sentido, é importante salientar que os produtores que não produzem outros cultivos para comercialização têm sérias dificuldades, o que demonstra que o fumo sozinho não dá a estabilidade necessária ao produtor. Também, o fato do produtor de fumo em geral ser autossuficiente em produtos para autoconsumo permite a produção de alimentos saudáveis e gera economia no orçamento familiar. .

Desta forma, a análise realizada demonstra que os objetivos do presente estudo foram atingidos. Apesar das dificuldades enfrentadas pelos agricultores, como a campanhas de diversificação das áreas cultivadas com o fumo e falta de mão de obra, eles demonstram relativa estabilidade socioeconômica.

REFERÊNCIAS

AFUBRA, Associação dos Fumicultores do Brasil. Tabela do preço do fumo. 2010. Disponível em:

<http://www.afubra.com.br/principal.php?acao=conteudo&u_id=1&i_id=1&menus_site_id=291> Acesso em: 15 de dezembro 2010.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS CHASQUE. Multinacional leva agricultora do Rio Grande do Sul ao suicídio. 2007. Disponível em:

<<http://www.cimi.org.br/dev.php?system=news&action=imprimir&id=2373&eid=142>> Acesso em: 15 de dezembro 2010.

ALMEIDA, Guilherme. Um novo horizonte para o controle do tabaco — aspectos socioambientais da fumicultura. Junho de 2008. ACT BR. Disponível em: <http://actbr.org.br/uploads/conteudo/118_Aspectos-Socioambientais-da-Fumicultura.pdf> Acesso em: 20 de outubro 2010

ALTIERI, Miguel. Agroecologia: a dinâmica da agricultura sustentável. Porto Alegre, UFRGS EDITORA 1998. Disponível em:

<http://www.agroeco.org/socla/archivospdf/Agroecologia_-short-port.pdf> Acesso em: 10 de novembro 2010.

BARRERO, Giani Augusto Bicca, FREITAS Clailton Ataídes de, ILHA, Adayr da Silva, STADUTO, Jefferson Andrônio Ramundo. A FUMICULTURA NO RIO GRANDE DO SUL: UMA ABORDAGEM SOB A ÓTICA DA NOVA ECONOMIA DAS INSTITUIÇÕES. Disponível em:

<<http://www.ufsm.br/mila/clailton/publicacoes/cientificos/fumicultura-rs.pdf>> Acesso em: 24 de novembro de 2010.

BEMFICA, Corália Ramos; FIGUEIREDO, Lézia Maria Cardoso de; GOMES, Santino Telmo; BIER, Teresinha de Jesus Bemfica; BARROSO, Véra Lucia Maciel – Raízes de Santo Antônio da Patrulha e Caraá – Porto Alegre, EST- 2000. 696p.

CARAÁ. 2010. Disponível em:

<<http://www.caraa.rs.gov.br/portal1/municipio/historia.asp?iIdMun=100143080>> Acesso em: 20 de setembro 2010.

CRISTO, Luciana. Produtores de fumo reclamam das condições precárias. Parana Online, 2009. Disponível em: <<http://www.parana-online.com.br/editoria/cidades/news/364780/>> Acesso em: 30 de novembro 2010.

FAOSTAT. 2010. Disponível em: <<http://faostat.fao.org>> Acesso em 15 de dezembro 2010.

FIGUEIREDO, Andrei de. Programa de diversificação de lavouras de tabaco nas encostas da Serra Geral. Florianópolis, 2008. Disponível em:

<<http://www.tcc.cca.ufsc.br/agronomia/ragr052.pdf>> Acesso em: 14 de dezembro 2010.

FILHO, Adil Dallagro. Avaliação da relação produtor-empresa no sistema de produção agrícola na cultura do fumo. Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3871/000394427.pdf?sequence=1>> Acesso em: 28 de dezembro de 2010.

GAZETA DO SUL. Demanda por fumo será maior nos próximos anos, 2007. Disponível em: <<http://www.gazetasul.com.br/default.php?arquivo=ultimas.php&intIdUltimaNoticia=48278>> Acesso em 28 de novembro 2010.

GIL, Antônio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GLIESSMANN, Stephen R. Agroecologia – Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável. 3 ed. Porto Alegre: UFRGS EDITORA. 2000.

HOJE CENTRO SUL. Fumo tem tabela reajustada em 7,6%. 2008. Disponível em: <<http://www.hojecentrosul.com.br/hoje/agricultura/fumo-tem-tabela-reajustada-7-6>> Acesso em: 16 de novembro de 2010.

IBGE Cidades. 2010 Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 20 de dezembro 2010.

MARTINELO, Claudir Pedro. Dados referentes das safras 2006/2007 a 2010/2011. Caraá. Jan, 2011. (Informação oral).

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. Cultivo do Tabaco, Agricultura Familiar e Estratégias de Diversificação no Brasil. 2007. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/saf/arquivos/1619316242.pdf>> Acesso em: 2 de setembro de 2010.

MOURA, Lucimara dos Santos de, PIEPER, Carmen Isabel, REIS, Joice Madeira dos. O processo de expansão da cultura do fumo na agricultura Familiar, 2007. Disponível em: <http://www.ufpel.tche.br/cic/2007/cd/pdf/CA/CA_01830.pdf> Acesso em: 29 de novembro de 2010.

PORTAL DE CONOINHAS. Acertado o valor do fumo da safra 2008/2009. 2009. Disponível em: <<http://www.portaldecanoinhas.com.br/noticias/6430>> Acesso em: 23 de setembro de 2009.

SILVA, Leonardo Xavier da. TILLMANN, Eduardo André. Exportações e eficiência competitiva da cadeia brasileira do tabaco: vantagens comparativas reveladas e orientação regional. Porto Alegre. Julho 2009. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/pgdr/arquivos/691.pdf>> Acesso em 5 de outubro 2010.

SILVA, Leonardo Xavier da. A CADEIA AGROINDUSTRIAL DE FUMOS CLAROS DO SUL DO BRASIL E A “CONVENÇÃO-QUADRO PARA O CONTROLE DO TABACO”: ESTRATÉGIAS E PERSPECTIVAS. UFRGS. Porto Alegre. 2008. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/9/698.pdf>> Acesso em 3 de dezembro 2010.

SILVA, Leonardo Xavier da. Análise o Complexo Agroindustrial Fumageiro Sul-Brasileiro sob o Enfoque da Economia dos Custos de Transação. Tese de Doutorado. Porto Alegre, 2002. UFRGS. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/pgdr/arquivos/629.pdf>> Acesso em 10 de dezembro 2010.

SILVA, Leonardo Xavier da; BORGES, Renata de Lacerda Antunes. Interpretações e análise das relações contratuais e da interdependência na cadeia agroindustrial do Tabaco sul-brasileiro. Porto Alegre, 12 de abril de 2010. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/pgdr/arquivos/752.pdf>> Acesso em: 5 de janeiro de 2011.

SOUZA CRUZ. Plantio, fases da produção do fumo. 2010. Disponível em: <http://www.souzacruz.com.br/group/sites/SOU_7UVF24.nsf/vwPagesWebLive/DO7V9KLC?opendocument&SKN=1> Acesso em 14 de dezembro 2010.

WILKINSON, John. Agricultura familiar e mercados velhos e novos. Rio de Janeiro, UFRRJ 2009 Disponível em: <https://moodleinstitucional.ufrgs.br/file.php/7893/textosComplem/j_wilkinson_agricultura_familiar_e_mercados.pdf> Acesso em: 10 de setembro 2010..

VARGAS, Marco Antônio; OLIVEIRA, Bruno Ferreira. Agricultura Familiar e Estratégia de Diversificação: Análise Comparativa da Viabilidade Econômica de Culturas Alternativas ao Fumo na Região do Vale do Rio Pardo – RS, Brasil, 2010. Disponível em: <<http://www.ppge.ufrgs.br/anpecsul2010/artigos/10.pdf>> Acesso em: 20 de dezembro 2010.

APÊNDICE A

Questionário para aplicação junto aos produtores de fumo de Caraá.

Nome:

Idade:

Escolaridade:.....

Posição na família:

Número de membros da família:.....

Membro 1 _____ Idade:_____ Escolaridade_____ Posição _____

Membro 2 _____ Idade:_____ Escolaridade_____ Posição _____

Membro 3 _____ Idade:_____ Escolaridade_____ Posição _____

Membro 4 _____ Idade:_____ Escolaridade_____ Posição _____

Membro 5 _____ Idade_____ Escolaridade_____ Posição _____

Localização da propriedade:

1. Há quantos anos o Sr (a) planta fumo?
2. Qual é a forma de posse da terra?
() proprietário () arrendatário () meeiro () outro. Qual _____
3. Qual o tamanho da sua propriedade? Extratos 5 a 5 hectares
4. Qual é a principal atividade desenvolvida na propriedade?
5. Qual a área destinada a produção do fumo e quantos pés de fumo foram plantados na safra 2009/2010?
6. Qual é a destinação da produção do fumo?
7. Quais outros cultivos são produzidos para comercialização?
8. Quais os cultivos que são produzidos que se destinam somente para auto consumo?
9. Quantas pessoas trabalham na lavoura do fumo em tempo integral?
10. Existem pessoas que trabalham em tempo parcial? Quantas?
11. Há a contratação de pessoal para cultivo do fumo? Se há, quantas e em que período?
12. Qual o faturamento bruto alcançado na última safra?
13. Qual o faturamento líquido desta safra?
14. O plantio do fumo é uma motivação para a permanência no campo?
15. O plantio do fumo possibilitou a aquisição de algum bem material para a família?
16. O senhor está satisfeito com o retorno que o fumo proporciona?
17. Estão nos seus planos continuar no cultivo do fumo ou pretendo com tempo parar? Por quê?

Tens interesse que teu nome seja divulgado neste trabalho? _____

Assinatura do produtor

APÊNDICE B

Quadro com as respostas do questionário aplicado junto aos produtores de fumo do município de Caraá

Perguntas	PRODUTOR A	PRODUTOR B	PRODUTOR C	PRODUTOR D	PRODUTOR E
1	24 anos	25 anos	15 anos	23 anos	25 anos
2	Proprietário	Proprietário	Proprietário	Proprietário	Proprietário
3	13 hectares	11,6 hectares	4,5 hectares	3,5 hectares	10 hectares
4	Fumo	Fumo	Fumo	Fumo	Fumo
5a	4 hectares	1,8 hectares	3,2 hectares	1,3 hectares	4 hectares
5b	70000	25000	30000	20000	65000
6	Souza Cruz	Souza Cruz	Souza Cruz	Souza Cruz	Souza Cruz
7	Aipim, feijão	Feijão	Nada	Gado	Vassoura, feijão, milho, gado
8	Batata doce, milho, hortifrutigranjeiros	Milho, aipim, hortifrutigranjeiro	Feijão, batata, aipim, milho, hortifrutigranjeiros	Aipim, amendoim, milho, feijão, batata doce, hortigranjeiros	Aipim, batata doce, hortifrutigranjeiros.
9	3 pessoas	3 pessoas	2 pessoas	1 pessoas	2 pessoas
10	Nenhuma	1 pessoas	Nenhuma	1 pessoas	3 pessoas
11a	Não	1 pessoa	1 pessoa	1 pessoa	3 pessoas
11b	Não	Colheita	12 meses	Colheita	Colheita
12	R\$ 35.000,00	R\$ 24.950,00	R\$ 43.000,00	R\$ 12.000,00	R\$ 39.000,00
13	R\$ 26.000,00	R\$ 17.000,00	R\$ 32.000,00	R\$ 8.000,00	R\$ 24.000,00
14	Garantia, melhor retorno	Garantia de sustento da família	Sem o fumo não estaria no campo	Sem o fumo não estaria no campo	sem o fumo não estaria no campo
15	6 hectares de terra, carro usado	5 hectares de terra, carro, construção da casa	4,5 hectares de terra	Eletrodoméstico e construção da casa de alvenaria	10 hectares de terra, equipamentos, casa de madeira
16	Sim, mas devido a intensa mão de obra teria que dar melhor retorno	As últimas safras trouxeram um bom retorno	o possibilita o sustento da família	Sim, o fumo traz bom retorno, mas precisaria ser maior	Deveria trazer maior retorno devido a intensa mão de obra
17	Sim, o fumo é o único cultivo que permite sustentar a família e, não conhece outra profissão	Sim, já está acostumado com o fumo e, além disto, ele traz segurança na comercialização	Sim, o produtor sabe plantar o fumo e outros cultivos não são economicamente viáveis	Sim, mas enfrenta dificuldades de contratação de mão de obra	Sim, não há outra solução viável

Questionário aplicado junto aos produtores de fumo do município de Caraá

Perguntas	PRODUTOR F	PRODUTOR G	PRODUTOR H	PRODUTOR I	PRODUTOR J
1	15 anos	25 anos	34 anos	40 anos	26 anos
2	Proprietário	Proprietário	Proprietário	Proprietário	Proprietário
3	7 hectares	4 hectares	10 hectares	25 hectares	18 hectares
4	Fumo	Fumo	Fumo	Fumo	Fumo
5a	2 hectares	4 hectares	2 hectares	1,7 hectares	2,5 hectares
5b	25000	80000	28000	19000	40000
6	Souza Cruz	Souza Cruz	Souza Cruz	Souza Cruz	Souza Cruz
7	Alfafa, gado	Nada	Feijão, gado	Gado, eucalipto	Feijão, gado
8	Aipim, batata doce, feijão, milho, hortifrutigranjeiros.	Aipim, feijão, milho, hortifrutigranjeiros.	Milho, hortifrutigranjeiros, aipim, batata doce	Milho, feijão, aipim, hortifrutigranjeiros,	aipim, banana, batata doce e inglesa, milho, hortifrutigranjeiros, frango
9	1 pessoa	3 pessoas	2 pessoas	2 pessoas	1 pessoa
10	2 pessoa	3 pessoas	Não	1 pessoa	2 pessoas
11a	1 pessoa	3 pessoas	Não	1 pessoa	2 pessoas
11b	Novembro/janeiro	Outubro/dezembro		Agosto/setembro novembro/janeiro	Durante 30 dias no ano
12	R\$ 15.245,00	R\$ 52.000,00	R\$ 23.000,00	R\$ 25.000,00	R\$ 24.000,00
13	R\$ 11.000,00	R\$ 26.000,00	R\$ 18.000,00	R\$ 16.000,00	R\$ 15.500,00
14	Sim. Só o fumo permite reunir um determinado capital	Não fosse o fumo teria ido embora	Dá condições de mínimas ao agricultor	O fumo permitiu ficar no campo	Motivou ficar no campo devido o costume de produção vindo dos pais
15	Carro, 3 hectares de terra, casa de alvenaria	4 hectares de terra, equipamentos, casa de madeira	Casa de alvenaria, 10 hectares de terra, 3 terrenos na cidade, carro	Estudo dos filhos, casa na praia, 20 hectares terra, construção da nova casa	Casa de alvenaria, 5 hectares de terra,, carro, equipamentos
16	O fumo dá retorno, mas deveria ser melhor	O fumo defende, mas devido aos custos deveria dar mais retorno	O produtor está satisfeito, mas a margem de lucro está diminuindo	O fumo traz bom retorno, mas a instabilidade climática diminui o lucro	Há um bom retorno, mas hoje aumentaram muito as exigências
17	Sim. Não há outra opção	O produtor vai plantar fumo enquanto puder	Não. Hoje o retorno é pequeno. Idade do casal	Pretende parar devido a idade	Pretende parar devido a falta de mão de obra

Questionário aplicado junto aos produtores de fumo do município de Caraá

Perguntas	PRODUTOR L	PRODUTOR M	PRODUTOR N	PRODUTOR O	PRODUTOR P
1	22 anos	31 anos	26 anos	25 anos	14 anos
2	Proprietário	Proprietário	Proprietário	Proprietário	Proprietário
3	12 hectares	5 hectares	11,5 hectares	17 hectares	14 hectares
4	Fumo	Fumo	Fumo	Fumo	Fumo
5a	1,3 hectares	1,5 hectares	1,8 hectares	3,5 hectares	5 hectares
5b	18000	25000	25000	60000	60000
6	Souza Cruz	Souza Cruz	Souza Cruz	Souza Cruz	Souza Cruz
7	Gado	Gado	Gado	Gado	Gado, milho
8	Aipim, feijão, batata, milho, hortifrutigranjeiros, frango.	Aipim, milho, cana de açúcar, hortifrutigranjeiros	Milho, feijão, aipim, batata doce, hortifrutigranjeiros.	Hortifrutigranjeiros, aipim, batata, feijão, milho	Aipim, batata doce, feijão, hortifrutigranjeiros, frango
9	2 pessoas	1 pessoa	2 pessoas	2 pessoas	3 pessoas
10	Não	2 pessoas	1 pessoa	2 pessoas	1 pessoa
11a	Não	2 pessoas	Não	2 pessoas	1 pessoa
11b	Não	20 dias por safra	Não	20 dias por safra	15 dias por safra
12	R\$ 20.200,00	R\$ 15.000,00	R\$ 17.500,00	R\$ 45.000,00	R\$ 48.000,00
13	R\$ 17.300,00	R\$ 10.000,00	R\$ 13.500,00	R\$ 35.000,00	R\$ 30.000,00
14	Sim. Outros cultivos não trazem o mesmo retorno	O fumo motivou permanecer no campo	Sim. É o que o produtor sabe fazer	Sim	Sim. Não fosse o fumo não estaria mais no campo
15	6 hectares de terra, casa, poço artesiano,	Casa, carro, 5 hectares de terra	8 hectares de terra, gado, parte da casa, carro, parte do estudo da filha	Carro, galpão para o gado, 17 hectares de terra	14 hectares de terra, carro, estudo das filhas
16	Não. Planta por falta de opção	Sim. Mas deveria ser maior	Sim. Nenhum outro cultivo dá o retorno do fumo	Sim	Sim, mas retorno deveria ser maior
17	Pretende plantar somente mais um ano porque a mão de obra é intensa e o preço está baixo	Vai parar de plantar devido o cansaço, falta de preço e pequeno incentivo da empresa	Pretende continuar. Nenhum outro cultivo dá o retorno do fumo	Pretende continuar. O fumo é o cultivo que mais dá renda	Pretende continuar por que é a única forma de pagar os estudos dos filhos